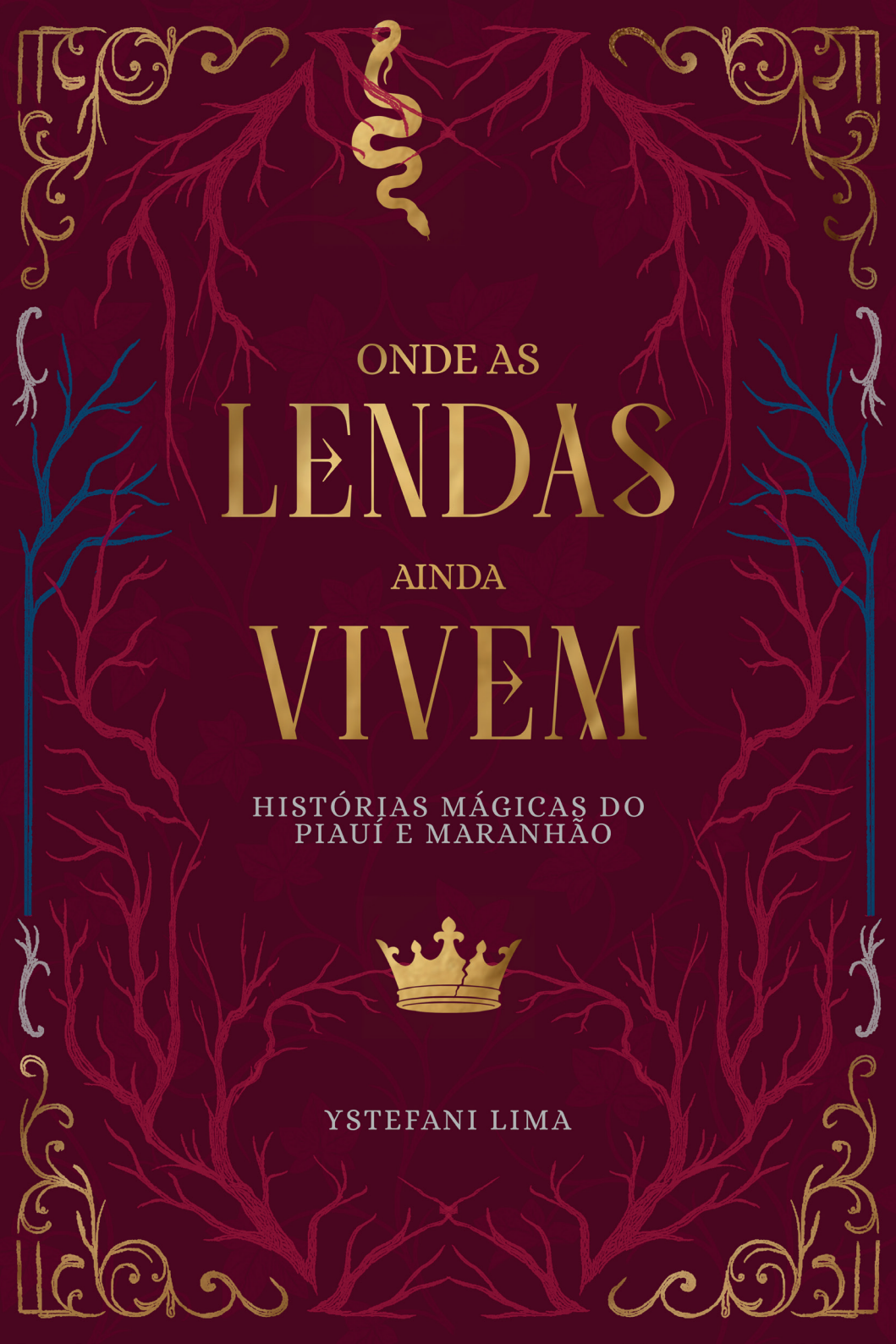




ONDE AS

LENDAS

AINDA

VIVEM

HISTÓRIAS MÁGICAS DO
PIAUI E MARANHÃO



YSTEFANI LIMA

SECRETARIA
DA **CULTURA** - SECULT



Prefeitura de
Piracuruca
É tempo de prosperar!

Secretaria Municipal de
Cultura e Des. Econômico

© 2025 YSTEFANI LIMA.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

CAPA E ILUSTRAÇÃO

Serein Fox

REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO

Isabelle Drumm



**“Toda cidade tem uma lenda adormecida. Todo
pedaço de terra tem um nome esquecido. E todo
nome esquecido... sabe como voltar.”**

— Fragmento das Crônicas do Vento

Lendas são histórias, mas antes de histórias, são identidades. São marcas de um povo. São cultura, são tradição. São legado.

A coletânea *Onde as lendas ainda vivem* nasce da memória viva dos estados do Maranhão e do Piauí — terras que não apenas respiram histórias, mas que ainda as sussurram nos ventos, nas pedras, nos rios e no olhar dos que vieram antes. Com uma linguagem contemporânea, poética e intensa, a autora Ystefani Lima — nascida em Piracuruca, Piauí, e atualmente residente em São Luís, Maranhão — transforma lendas populares em experiências literárias completas, capazes de tocar leitores de todas as idades.

Aqui, cada conto é uma reinvenção, mas sem abandonar a essência do que foi contado por avós, pais e moradores antigos. São releituras que unem a beleza do real ao encantamento da ficção, com respeito às raízes e olhos voltados para o futuro. Este livro não é apenas uma reunião de histórias. É um tributo. Aos que vieram antes, aos que ainda lembram e aos que precisam ouvir — para nunca esquecer.



Dedico este livro a todos que acreditam na beleza das palavras.

A quem senta à sombra da porta, debaixo do pé de manga, do juazeiro, do ipê ou à beira do fogão a lenha — e entende que contar não é apenas entreter. É preservar.

Aos que, mesmo sem saber, são bibliotecas vivas.

Aos que carregam na voz a memória de um povo.

Aos que sabem que cada história contada é uma raiz que se finca mais fundo na terra.

E, principalmente, dedico às crianças, aos adolescentes, aos jovens — e a todos que ainda virão.

Que este livro os ajude a lembrar mesmo daquilo que nunca viveram, mas que lhes pertence. Porque, enquanto houver quem conte, as lendas ainda vivem.



Carta da autora

Eu nasci no Piauí, em uma cidade chamada Piracuruca. Cresci ouvindo histórias de gente simples, gente do interior, que contava cada lenda com brilho nos olhos e um respeito enorme por tudo o que era mistério. E, mesmo sem acreditar em muita coisa que diziam, eu escutava, porque, no fundo, o que me encantava não era o medo, nem a fantasia — era a forma como essas histórias sobreviviam.

Hoje, já adulta, morando em São Luís, no Maranhão, por causa da faculdade, eu me vi cercada de novas lendas. Diferentes, mas com a mesma alma das que ouvi na infância. E foi aí que eu entendi: isso aqui é mais do que conto popular. É memória viva. É cultura. É raiz. É patrimônio imaterial. Essa coletânea é um tributo. Não só às histórias, mas a quem as contava. É para minha avó, que repetia cada história toda noite. É para os senhores e senhoras que ainda dizem “isso aconteceu de verdade”, com a firmeza de quem viveu.

É para os meninos e meninas que estão crescendo e nem sempre escutam de onde vieram. Não importa se você acredita ou não. O que importa é que você saiba que o lugar em que você nasceu tem história. Tem talento. Tem força criativa. Tem voz. O Maranhão e o Piauí são cheios de gente que sonha, de gente que lembra. E eu quis, do meu jeito, deixar isso registrado. Porque essas lendas não deveriam se perder. Porque toda criança merece saber que nasceu em uma terra cheia de magia.

COM CARINHO E VERDADE,

YSTEFANI LIMA

*Escritora piauiense, apaixonada pelas histórias
que sobrevivem ao tempo.*



Nem tudo que o tempo esqueceu está morto. Há lendas que apenas dormem — sob a poeira dos séculos, esperando quem tenha coragem de lembrá-las.

— *Ystefani Lima*





CONTO 1

A serpente encantada

*Releitura da Lenda da
Serpente – São Luís, Maranhão*





Epígrafe

A cidade não foi construída sobre pedra. Foi selada sobre
uma promessa. E promessas esquecidas são as que mais
afiam os dentes.

— *Fragmento da Canção dos Subsolos*
(*Coletânea oral proibida, Maranhão ancestral*)



Prólogo



há lendas que nascem para assustar crianças. Outras, para manter adultos obedientes. Mas esta... esta nunca foi só lenda. O que jaz sob São Luís não é fábula, é memória viva.

Uma serpente, grande o bastante para envolver a ilha inteira, dorme entre as pedras e os esgotos, entre a poeira e as orações. Dizem que sua cabeça repousa na Fonte do Ribeirão, onde os antigos jogavam moedas e pedidos. A cauda se arrasta até a Fonte das Pedras, onde ninguém se atreve a pedir nada. Quando o povo esquece demais de onde veio, quando a cidade abafa demais o que sente, a serpente se move. Um sussurro por vez. E quem ouve primeiro nunca mais dorme em paz.



Capítulo 1

O corpo sob as ruas



primeira vez que ela ouviu o sussurro foi na curva estreita entre o Convento das Mercês e o sobrado de janelas verdes que ninguém abria. O chão tinha cheiro de chuva antiga. E a cidade, de repente, pareceu mais funda.

Ela se chamava Lia Duarte, embora quase ninguém a chamasse assim. Desde pequena, diziam que ela era “esquisita demais para ser normal”. Mas, na verdade, Lia era sensível demais para esquecer. O pai dizia que era culpa da mãe, que lia poesia demais durante a gravidez. A avó culpava o sangue velho da família, que nunca deixava ninguém em paz. E Lia? Lia só queria dormir sem ouvir o que estava enterrado.

Mas, naquela manhã, algo mudou.

Ela descia o Centro Histórico sozinha, como fazia desde que fora contratada como estagiária da Fundação Municipal de Cultura, catalogando espaços abandonados que um

dia foram poesia. Caderno na mão. Gravador no bolso. O olhar no chão. E foi ali, entre duas pedras portuguesas deslocadas, que ela viu. Uma rachadura viva.

Como se o calçamento estivesse respirando.

— *Vai acordar* — sussurrou algo. Mas não foi ninguém. Não havia ninguém.

Lia congelou. O vento pareceu conter a respiração. O sol, alto, foi engolido por uma nuvem que ninguém viu chegar.

— *Vai acordar* — dessa vez, mais nítido.

Ela se agachou, tocou o chão. Quente. Como se pul-
sasse. Como se algo enorme e adormecido respirasse sob a
cidade — não uma metáfora. Um corpo real.

Um arrepio subiu pelas costas dela. E, pela primeira vez,
Lia acreditou que a lenda não era só uma história de vó
para assustar neto. Era uma advertência. Uma contagem
regressiva. E ela tinha acabado de ouvir o primeiro aviso.



Nos dias que se seguiram, Lia passou a andar pela cidade com uma sensação nova: de que estava sendo observada por baixo. Era como se os olhos não estivessem nas esquinas, mas sob os sapatos. Como se cada passo em falso fosse uma oferta.

— “Impressão sua” — diziam os colegas da Fundação, rindo. — “Talvez tenha respirado mofo demais na Igreja de Santo Antônio.”

Mas Lia sabia. Ela ouvira. Ela sentira. E a cidade parecia lembrar com ela. Foi no fim da tarde de quinta-feira que decidiu ir à Fonte do Ribeirão. Levava um caderno velho, o mesmo que usava para registrar pontos turísticos, só que, agora, as anotações não tinham mapa, tinham perguntas. E páginas riscadas.

Desceu a Rua do Ribeirão devagar. Cada passo ecoava. As casas antigas, de janelas trancadas, pareciam murmurar. Lia não sabia o que procurava. Só sabia que a resposta estaria ali. A fonte estava quase vazia. A água escorria fina, arranhando o musgo. Lia se aproximou. Abaixou-se. Encostou os dedos. E então viu. Escamas.

Não reais. Mas marcas finas, simétricas, gravadas nas pedras sob a água — como se alguém tivesse desenhado ali ou como se o tempo tivesse revelado o que antes estava escondido. Ela pegou o celular, tentou fotografar. A imagem sumia. Tentou de novo. Nada. Foi quando ouviu a voz.

— Se registrar, ela acorda.

Lia girou no mesmo instante. Um homem. Alto, magro, pele marcada de sol. Roupas de pescador, mas olhos de profeta. Ele estava parado na beirada da fonte. E não parecia assustado. Parecia saber.

— Desculpa, você falou comigo?

— Não fotografe a cabeça dela — ele disse, calmo. — Ela odeia ser lembrada por máquinas.

— Quem é você?

— Quem tenta avisar antes que seja tarde. Como tentaram me avisar também. Mas eu registrei. E, desde então, não durmo direito.

Lia sentiu a pele arrepiar.

— A lenda da serpente é real?

O homem encarou a água.

— É pior do que lenda. Lenda ainda pode virar invenção. Isso aqui é dívida. E a cidade toda deve.

— A cidade?

— Sim. Porque ela dorme, mas escuta. Escuta tudo. Cada grito abafado. Cada injustiça não resolvida. Cada nome apagado da história.

— A serpente cresce com o esquecimento, com a maldade, com tudo que as pessoas fingem não enxergar.

Lia quase deixou o caderno cair.

— Quando foi a última vez que São Luís se lembrou de quem construiu essas ruas? De quem sangrou por elas? De quem desapareceu?

A voz dele era suave. Mas o peso daquelas palavras desabou como pedra no peito dela. A serpente não crescia por maldição. Ela crescia por culpa. E, então, como se respondesse aos pensamentos dela, o chão tremeu.

Frac. Quase imperceptível. Mas tremor.

O homem não pareceu surpreso.

— A cabeça já está se movendo.

— Como você sabe?

— Porque ontem à noite eu sonhei com o rabo.



Capítulo 2

O eco da cauda



nome dele era seu Amâncio. Ela descobriu isso só no dia seguinte, ao procurá-lo na Fundação e descobrir que ele era um ex-funcionário que fora aposentado por “invalidez emocional”, segundo um relatório enterrado nos arquivos internos. Mas Lia sabia o que aquilo realmente significava: ele falava demais sobre o que não deveria ser lembrado. E agora ela fazia o mesmo.



Na manhã seguinte, a cidade parecia mais abafada. Não quente — abafada. Como se houvesse umidade retida debaixo da pele das calçadas.

Lia seguiu pela Rua das Cajazeiras em direção à Fonte das Pedras, o segundo ponto da lenda, onde a cauda da ser-

pente estaria adormecida, segundo os antigos. Mas naquele dia, a rua estava estranha.

— A senhora viu a menina que sumiu? — perguntou uma voz atrás dela.

Lia se virou. Uma mulher com o uniforme do colégio estadual mostrava um cartaz com a foto de uma estudante.

— Desapareceu anteontem. Dizem que escutava vozes no esgoto.

— Como assim, vozes?

A mulher abaixou o tom.

— Dizem que ela sonhava com coisas estranhas. Que acordava de madrugada falando de escamas e de sangue nas pedras.

— Ela esteve na Fonte das Pedras?

A mulher assentiu.

— Na semana passada. Foi fazer um trabalho de campo com o colégio.

Lia engoliu em seco. A serpente não estava só crescendo. Estava escolhendo.



A Fonte das Pedras estava praticamente abandonada. Musgo nas bordas. Rachaduras secas. Um cheiro de água velha. Mas o que mais chamou a atenção de Lia foi o silêncio. Era como se a cidade tivesse parado ali.

Ela se aproximou da borda e, de novo, viu as marcas. Mas não como na outra fonte. Ali, não havia apenas escamas. Havia arranhões. Como se algo tentasse sair.

De repente, o caderno em sua mochila começou a tremer. Ela o puxou, assustada. As folhas vibravam. E uma se soltou. Voando até pousar dentro da fonte. Lia hesitou. Mas sabia que não podia ignorar. Abaixou-se, mergulhou a mão. E, então, ao tocar a folha — viu.

Uma imagem. Um flash. Não dela. Não da fonte. Mas de uma espiral imensa, feita de ruas e becos, com o centro oco, como um coração que ainda não batia. E dentro dele o olho da serpente se abriu. Lia caiu para trás, o caderno encharcado nas mãos. Mas não chorou. Não gritou.

Ela entendeu.

O corpo já estava se movendo. E se a cauda estava se debatendo... então nada mais segurava a cabeça.



Capítulo 3

O dia em que a cidade tremeria

Fra como se a cidade segurasse a respiração. Naquela sexta-feira, as pessoas caminhavam mais depressa. Os ônibus atrasaram. As marés pareceram mudar de direção. E mesmo com o Sol alto, os pardais sumiram dos fios. Lia subia a Rua de Nazaré com o caderno molhado no peito, apertado como se fosse escudo. A imagem ainda estava ali. A espiral, o olho, o centro vazio. A cidade desenhada como um corpo. Como uma serpente.

Na sede da Fundação, ninguém a recebeu. Os corredores estavam vazios. O ar cheirava a pedra molhada e poeira de livro antigo. Ela desceu até o subsolo, onde ficavam os arquivos esquecidos. Seu Amâncio dissera: “Procure o livro sem nome. Aquele que foi arrancado da estante, mas ainda respira nas frestas.” E ela o achou.

Uma encadernação gasta, sem título, escondida entre mapas coloniais e atas de reuniões extintas. Dentro, registros antigos sobre o traçado da cidade, antes da chegada

dos franceses, antes mesmo da fundação portuguesa. Era tudo mais antigo. Mais circular.

As ruas formavam anéis concêntricos, com um vazio central onde hoje está a Praça Dom Pedro II. E no centro, desenhado em carvão desbotado, uma serpente de olhos brancos, com a inscrição apagada: “A memória que não morre, apenas se enrola.”

Foi aí que ela entendeu.

A cidade era um selo. As fontes, os olhos. As igrejas, as algemas. Toda a arquitetura servia para manter a serpente adormecida. Mas algo estava falhando.



Naquela noite, a terra tremeu. Começou como um rugido surdo. O chão vibrava, mas não rachava. As luzes oscilavam. E do subsolo da cidade subia um som. Não era um grito. Era um lamento.

Lia correu. Saiu pelas ruas do centro enquanto as pessoas olhavam assustadas para o céu — mas o perigo não vinha de cima.

Ele vinha debaixo.

No caminho, viu prédios antigos se abrirem em rachaduras. As fachadas cediam. As estátuas se inclinavam. E nas duas fontes — ao mesmo tempo — a água jorrou vermelha. Como sangue.

Seu Amâncio a encontrou na escadaria da Igreja da Sé.

— Já não dá para impedir, Lia.

— Tem que haver uma forma!

— Há. Mas custa.

Ela o encarou, o coração batendo como tambor.

— Qual forma?

Ele se aproximou, tirando um pequeno objeto do bolso. Um pingente antigo em forma de espiral, feito de pedra vulcânica.

— Lembrar.

— O quê?

— Tudo.

— Eu não entendo.

— A serpente não quer destruir. Ela quer ser lembrada.

— Lembrada como?

Ele sorriu, triste.

— Como tudo aquilo que a cidade escondeu. Os nomes sem lápide. Os corpos sem missa. Os gritos sem eco. Lembrar é o único jeito de selá-la de novo.

— E o que eu tenho que fazer?

Ele colocou o pingente na mão dela.

— Entrar onde ninguém entra. No centro. No coração da cidade. E abrir os olhos.

Lia fechou os dedos ao redor do pingente. Olhou em volta. A cidade tremia. Os postes piscavam. As vozes aumentavam. E ela correu. Em direção à Praça Dom Pedro II. Em direção ao centro, ao coração da serpente.



Epílogo

A última escama



izem que, naquela noite, os sinos tocaram sozinhos. Que a água das fontes ficou negra como luto. Que as pedras do centro brilharam, como se estivessem suando luz. Mas o que ninguém diz — porque ninguém sabe — é o que aconteceu com ela.

Lia Duarte não voltou para casa.

Seu nome ficou nos registros da Fundação como “funcionária transferida”, embora ninguém soubesse dizer para onde. Seus cadernos desapareceram. Suas fotos foram apagadas dos arquivos. Como se a cidade, agradecida, a tivesse engolido.

Mas há quem diga que ela ainda está aqui.

Que nas madrugadas silenciosas, quando a maré abaixa e os becos respiram devagar, uma figura caminha sobre os traços da espiral. Ela usa um colar de pedra escura. E fala com as pedras como quem lê um livro. Ela não fala alto. Ela escuta. E anota.

Anota o que a cidade ainda tenta esconder. Anota os nomes que nunca foram ditos. Anota as dores que ninguém reconheceu. Porque agora ela é a memória. E a serpente voltou a dormir. Não porque foi esquecida — mas porque foi lembrada.

Toda cidade é feita de esquecimento. Mas algumas têm sorte de serem lembradas por alguém. — Última frase do caderno de Lia, encontrado seco dentro da Fonte do Ribeirão, uma semana depois do terremoto.



CONTO 2

As Sete Cidades Encantadas

*Releitura da Lenda do Parque
Nacional de Sete Cidades – Piauí*





Epígrafe

Há portais que não se cruzam com os pés,
mas com a lembrança.

E há cidades que não ruíram — apenas esperam
ser sonhadas de novo.

— *Fragmento guardado sob a rocha de Piracuruca*



Prólogo



izem que a terra às vezes se parte por amor. E que os ventos, em certas noites, ainda carregam os nomes dos reinos que o mundo apagou. Entre Piracuruca e Brasileira, há um lugar onde o tempo hesitou — como se não soubesse se deveria seguir. Um lugar feito de formas esculpidas por mais do que a natureza. Lá, o chão conta histórias em silêncio e as pedras guardam um segredo tão antigo quanto o próprio céu.

Não é só uma lenda. É uma memória petrificada. Sete reinos. Dois amantes. E uma maldição que ainda espera o toque de dois lagartos de pedra para acordar o que dorme. Neste lugar — onde um portal de pedra se ergue como quem desafia os séculos — ainda ecoa a promessa de que, quando um coração puro atravessar seu arco e desejar, o encantamento será quebrado. E as cidades perdidas voltarão a viver. Mas toda lenda tem um preço. E nem todo mundo está pronto para pagar.

Algumas lendas se perdem na névoa do esquecimento, como páginas que se tornam pó nas mãos

do tempo, mas as Sete Cidades guardam o encantamento, transformando-se em ouro nos olhos de quem as contempla atento. No coração de terras amadas, onde lendas permanecem sendo contadas, magia e realidade, entrelaçadas no ar, que o mistério das cidades de pedra continue a nos apaixonar.



Capítulo 1

O preço

Príncipe Aurin, um dos mensageiros de Atlante, entregou um pequeno aviso à sua mãe hoje — ecoou uma voz atrás do príncipe.

Enquanto a imponência do palácio se erguia, protegendo a cidade dos perigos do mundo exterior, Aurin contemplava as paisagens encantadas que se estendiam além das muralhas. Intrigado, o príncipe voltou-se para seu fiel guarda e melhor amigo, Eldric. O jovem de cabelo preto e olhos esverdeados inspirou profundamente, buscando forças, e soltou as palavras de uma só vez, como se falando rapidamente pudesse tornar aquilo menos real.

— Um humano adentrou o reino mágico.

Eldric observou a expressão de descrença e, em seguida, o medo que se abateu sobre o rosto do príncipe. Era a mesma expressão que ele próprio havia feito ao receber aquela notícia assustadora. As fronteiras mágicas eram protegidas

com vigor, repletas de encantamentos tecidos ao longo de séculos pelas rainhas das Sete Cidades Encantadas.

— E não é apenas isso. — Eldric lançou olhares ansiosos ao redor, consciente do perigo que as informações representavam. Na segunda cidade, segredos clandestinos eram sinônimo de morte. — Seu casamento com a princesa Adaléia será antecipado.

Ao ouvir essas palavras, o príncipe Aurin sentiu uma onda de náusea prestes a dominá-lo, sua testa estava encharcada de suor. Entre todas as princesas, por que sua mãe escolhera justamente Adaléia? A filha da criatura mais esnobe e perversa dentre os sete reinos. Um gosto amargo invadiu sua boca. Ele não a amava, e sinceramente sabia que jamais seria capaz de tal feito. Não nutria nenhum afeto por aquela garota, e menos ainda por sua mãe, a rainha Judy, uma criatura má. Sua mãe reconhecia isso e até concordava, mas justificava a escolha como uma jogada política. Aurin deveria fazer isso pelo bem do reino. “Tudo pelo povo, tudo pelas pessoas”, ela repetia como se fosse a resposta para todas as desgraças que os acometiam. No entanto, Aurin nunca desejou ser príncipe, nunca almejou aquela vida. Ele acreditava no amor, e seu coração pertencia a outra pessoa.

— Sinto muito — Eldric disse, olhando com pena para seu melhor amigo.

Desde a infância, Eldric e Aurin eram inseparáveis, tendo estudado juntos na escola de preparação mágica e crescido no imponente castelo da segunda cidade encantada.

Embora Eldric não pertencesse à realeza, ele nunca foi tratado de forma diferente pelo amigo. Quando o príncipe completou dezoito anos, deu ordens expressas para que Aurin se tornasse seu guarda de confiança e comandante do batalhão do palácio.

— Ela pretende me manter preso até o casamento? — O príncipe parecia desolado, seus olhos vagavam pela janela, vislumbrando o horizonte, desejando com todas as forças poder escapar de tudo aquilo.

Eldric olhava tristemente para o amigo, desculpando-se por não ter respostas para aquela pergunta. No entanto, ele sabia exatamente o que a rainha planejava para o único filho e herdeiro. Aurin amava a princesa Celeste, mas a rainha da segunda cidade jamais permitiria que ele se casasse com ela. O reino de Celeste era o mais pobre e desprovido de magia. Infelizmente, aquilo era política, um jogo com uma equação simples em que o amor não tinha lugar. Aurin permaneceu em silêncio enquanto observava seu amigo se afastar, os passos de Eldric ecoavam pelo corredor. Aurin encarou o horizonte e constatou uma cruel verdade: *nas teias do destino, amar alguém sem poder partilhar a vida é como mergulhar na eterna melodia da ausência, em que cada nota ecoa o vazio da existência.*



A alguns quilômetros dali, no reino encantado da sétima cidade, as ruas vibravam com uma animação conta-

gigante. Tartarugas gigantes deslizavam majestosamente, transportando flores ornamentais e tecidos de seda mágica. Duendes e ninfas corriam de um lado para o outro, espalhando alegria e dando vida a ramos que floresciam em torno das luzes mágicas. A praça principal resplandecia sob a luz, criando um espetáculo de encanto e mistério.

Porém, a princesa Adaléia observava tudo aquilo de longe, afastada do tumulto festivo. Sua mãe, a rainha, havia proibido terminantemente que ela ajudasse qualquer ser mágico enquanto estivesse na praça. Adaléia detestava tudo aquilo com fervor. Odiava o vestido extravagante que pinicava suas pernas, desprezava a tiara adornada com pedras preciosas que parecia mais um adereço inútil e, acima de tudo, odiava a sensação de não poder ser quem ela realmente era. Apesar de seu reino ser conhecido como o mais rico em pedras mágicas e ouro entre as sete cidades, Adaléia abominava sua vida de princesa. Desejava intensamente ter nascido como a princesa Celeste, que possuía o tesouro mais raro e valioso: a liberdade de fazer suas próprias escolhas. Os pais de Celeste faleceram logo após seu nascimento e, desde então, o reino da quarta cidade passou por transformações.

O que antes era um dos reinos mais prósperos, agora se tornara o menor de todos. Não restavam mais riquezas exuberantes e as criaturas mágicas viviam em um estado de igualdade, em que o sangue real não carregava mais tanta importância. Entretanto, Adaléia nunca teria essa oportunidade. Ela estava sendo obrigada a se casar com Aurin,

o rapaz a quem fora prometida desde a infância. Nutria sentimentos por ele, ou pelo menos achava que sim. Ele era deslumbrante, com seus cabelos negros sedosos e olhos que pareciam uma mistura de cores hipnotizantes. A princesa não conseguia determinar a cor preferida daqueles olhos, mas sabia que eram perfeitos. E dentre todas as características admiráveis de Aurin, o sorriso era o que mais a encantava.

Enquanto Adaléia contemplava o céu, um biguá passou voando em direção ao Arco do Triunfo, o portal mágico que separava o mundo mortal do deles. Ela observou, cativada, enquanto o pequeno pássaro desaparecia ao atravessar a fronteira. Animais entravam e saíam constantemente por aquele portal, indiferentes às realidades distintas que separavam o reino mágico do reino humano.

Em um instante fugaz, uma lágrima solitária escapou pela bochecha cor de avelã de Adaléia, a princesa cuja fortuna material não se comparava à mais simples das riquezas: o amor verdadeiro. Aurin, o objeto de seus sentimentos, não apenas a detestava, mas a odiava intensamente. Era um ódio enraizado em ressentimento pelo passado obscuro de sua mãe, uma culpa injusta que recaía sobre Adaléia. Ela sabia que não era responsável pelas ações perversas de sua mãe, mas por mais que se esforçasse para convencer Aurin, suas palavras e ações pareciam não fazer diferença.

A única conexão entre eles era o casamento arranjado que os aguardava, um destino que parecia inevitável. Adaléia ansiava por escapar desse destino imposto, ansiava por

seguir seus próprios desejos e ser livre. No entanto, sua realidade era diferente. Enquanto Celeste desfrutava de uma liberdade inigualável, Adaléia era aprisionada pelas expectativas de sua posição nobre. O fato de ser a princesa mais rica do reino não compensava a falta desse sentimento tão precioso que escapava por entre seus dedos. As lágrimas que silenciosamente molhavam seu rosto eram testemunhas de sua dor oculta.

Quem poderia imaginar que a princesa mais abastada carregava consigo a maior das pobreza, a ausência do amor verdadeiro? Adaléia desejava ser compreendida, mas ela era odiada por algo que não podia controlar, algo que não tinha qualquer relação com sua verdadeira essência. E, assim, ela se via presa em uma armadilha de destinos entrelaçados, em que o amor verdadeiro parecia uma quimera inalcançável.

Adaléia era como uma rosa forjada nas chamas da adversidade, uma flor que cresceu em meio às dificuldades. Cada maltrato sofrido moldou seus espinhos em uma armadura impenetrável. Ela não era nada do que as pessoas imaginavam. Mas isso pouco importava. O mundo poderia até tentar fazê-la queimar, mas seus espinhos eram feitos de aço, capazes de suportar o fogo e cortar profundamente, como uma lâmina afiada.

Sua determinação e coragem eram suas melhores armas diante das adversidades que a cercavam. E, assim, a princesa Adaléia continuava a enfrentar sua realidade imposta, guardando dentro de si um turbilhão de emoções e segre-

dos. Seus sonhos de liberdade e amor verdadeiro permaneciam vivos, alimentando sua resiliência e esperança de que um dia pudesse encontrar seu próprio destino, longe das amarras de um casamento arranjado e das expectativas cruéis impostas a ela. E quem sabe, um dia, os outros pudessem vislumbrar a verdadeira Adaléia, enxergando além das aparências e descobrindo o coração apaixonado e vulnerável que ela tanto protegia. Mas, por enquanto, Adaléia continuava a trilhar seu caminho solitário, esperando por um vislumbre de luz que pudesse libertá-la da gaiola dourada em que estava aprisionada.



Celeste contemplava o horizonte, sentada em um bosque próximo às colinas da terceira cidade. Um imenso cachorro brincava nas proximidades, enquanto ela dedicava um tempo a observar o céu acinzentado. O Arco dos Desejos projetava-se a alguns quilômetros de distância, e dali ela podia testemunhar os gigantes deixando suas marcas nas pedras com seus dedos grandes e pontiagudos. O canto dos pássaros envolvia seus ouvidos e ela se maravilhava com a sincronia dos movimentos deles, como se estivessem se apresentando para uma plateia, com a natureza como espectadora. Em um momento de introspecção, ela dirigiu o olhar para o céu e soltou uma risada. Que dias loucos eram aqueles que ela estava vivendo!

A princesa recostou a cabeça em uma árvore antiga e relembrou tudo o que havia ouvido mais cedo de uma das ninfas da quinta cidade. Ela não sabia se aquilo era verdade, se as palavras sobre o príncipe eram verídicas. O que sabia, porém, era que seu coração estava partido. Não tinha certeza se um dia conseguiria superar tudo aquilo. Celeste tinha plena consciência de que Aurin a amava, mas ele também era o príncipe e herdeiro da segunda cidade. Desde bebê, ele havia sido prometido em casamento para a princesa Adaléia. No reino mágico, promessas não podiam ser quebradas de forma alguma, pois os resultados seriam sempre catastróficos.

Ela tinha conhecimento disso, mas seu coração tolo havia nutrido a esperança de que o destino poderia lhes conceder uma chance, que o universo conspiraria a favor desse amor. Que tolice! A princesa parecia distante, perdida em seus próprios pensamentos. O vento soprava mais forte, e a dor em seu coração era tão intensa que ele parecia ter sido atravessado por uma espada. Celeste recordou-se dos momentos felizes que compartilhou com Aurin, dos encontros clandestinos e das juras de amor que pareciam solucionar qualquer obstáculo. Talvez eles tivessem se enganado e aquele momento fosse inevitável. O “para sempre” deles talvez tivesse uma data de validade. Celeste, mesmo que inconscientemente, sabia disso. A grande incógnita era se ela seria capaz de seguir em frente após tudo isso.

Celeste conheceu Aurin na festa de noivado dele com a princesa Adaléia. Embora tenha sido convidada por tradição, ela sabia que a corte dos outros seis reinos a desprezava. Sentiam repulsa pela forma como ela permitiu que seu reino se transformasse em um lugar “igualitário”. Celeste nunca desejou ser superior a ninguém por causa de seu sangue real. O que as outras cortes não sabiam era que ela permitiu essa mudança na quarta cidade não apenas por motivos pessoais, mas porque era o último desejo de seus pais.

Eles sonhavam com um mundo mágico onde a ganância pelo poder não existisse, onde as pessoas pudessem ser verdadeiramente felizes e onde o amor fosse a chave para a liberdade. Celeste não poderia deixar que o desejo deles e seus próprios sonhos fossem esquecidos. Assim, dedicou-se inteiramente a tornar isso uma realidade. Então ela abdicou de seu título, dissolveu a corte, eliminou os impostos e todas as demais estruturas que sustentavam a desigualdade. A princesa da quarta cidade tornou-se livre e, com ela, seu povo.

No entanto, tudo isso teve um preço, e o preço foi o desprezo das outras cidades. Celeste carregou consigo o peso de ser esquecida, ela não teve permissão para frequentar nem a escola preparatória mágica. Tudo o que sabia sobre magia era o que lia nos antigos livros deixados por seus pais. Celeste aprendeu tudo por conta própria, enfrentou cada desafio sozinha e aceitou carregar o fardo de suas escolhas e sacrifícios de bom grado.



Aurin percorria, inquieto, seu quarto no imponente castelo da segunda cidade. O peso de seu casamento iminente com Adaléia estava sufocando sua alma. Ele estava exausto, cansado de viver essa farsa, de abrir mão de seus desejos e de ser um mero peão nas engrenagens do destino. Mas havia uma solução, uma que ele se recusava a ignorar. Aurin não estava disposto a abrir mão de Celeste, seu amor por ela ardia em seu peito como uma chama incontrollável, e a ideia de não poder ficar ao seu lado rasgava seu coração em pedaços.

Desde jovem, Aurin testemunhou as consequências devastadoras de um casamento sem amor. Seus próprios pais foram vítimas dessa triste realidade. Sua mãe amava o rei, mas o rei nunca a correspondeu. O rei se apaixonou pela rainha Judy, mãe de Adaléia, e o adultério veio à tona em meio a um mundo de magia e encantamentos. No reino mágico, tais erros eram resolvidos por meio de uma batalha mágica, e, infelizmente, tanto o pai de Aurin quanto o de Adaléia perderam suas vidas nesse confronto fatídico.

Essa dor profunda transformou-se em ódio. Ele culpava a família de Adaléia por sua infância privada de um pai amoroso e por ter sido privado de uma família verdadeira. Embora soubesse que Adaléia era uma vítima, assim como ele, sua dor era tamanha que direcionar sua raiva a alguém era uma maneira de amenizá-la. Culpar os outros tornava

a dor mais suportável, mesmo que Aurin carregasse uma culpa opressora consigo.

Determinado a mudar o rumo de sua vida, o príncipe havia traçado um plano audacioso. Casar-se com Celeste era a única saída, e nada o deteria em sua jornada. O destino estava em suas mãos, e ele estava pronto para desafiar todas as probabilidades.



Eldric não conseguia conter sua incredulidade e desespero, gritando palavras de descrença e raiva. Segundos após ter um dardo enfiado em sua perna por Aurin, e antes de ser absorvido completamente pela escuridão, ele viu três humanoides erguendo Aurin — e ele próprio. Usando todas as forças que ainda lhe restavam, Eudric virou um pouco a cabeça e viu o castelo da segunda cidade desaparecer ao longe.

Enquanto os humanoides seguiam em direção ao portal mágico, as colinas ao redor ganhavam uma atmosfera sombria. Aurin observou com pesar duas figuras amarradas no chão, perto de uma majestosa árvore na floresta mágica. Goldiuem, o comandante dos humanoides, delicadamente pôs o príncipe no chão, enquanto o segundo gigante depositava Eldric ao lado das outras figuras.

Aurin retirou um saco do casaco e, sem dizer uma palavra aos humanoides, entregou-lhes o dinheiro mágico. Não havia tempo para explicações, o príncipe sabia que as

criaturas seriam capturadas pelas rainhas antes do amanhecer. Embora se sentisse culpado, sabia que os gigantes estavam arriscando suas vidas por Celeste. Em silêncio, Aurin observou enquanto os humanoides desapareciam na floresta. Ele caminhou em direção às duas pessoas amarradas, seu coração acelerou quando retirou o capuz de uma delas e revelou o rosto radiante de Celeste, iluminado pelo brilho das estrelas. Ela se debateu por um momento, seus olhos vasculhavam o ambiente escuro, até que seus olhares se encontraram.

— Aurin? — ela começou a dizer, antes que Aurin a envolvesse em um abraço.

Enquanto isso, Eldric passava as mãos pelo cabelo, sua cabeça latejava de dor. Que sonho bizarro ele havia tido, pensou consigo mesmo. Até que seu olhar se desviou para o lado oposto de onde estava, e viu Aurin abraçando a princesa Celeste. O sangue fugiu de seu rosto quando percebeu a insanidade que o príncipe havia cometido.

Seus olhos se voltaram, apreensivos, para a outra pessoa amarrada. *Ele não podia ter feito aquilo, não era possível*, Eldric repetia mentalmente, até que tomou coragem e seguiu até a figura com o capuz. No instante em que ele desamarrou a criatura e retirou o capuz, mãos se lançaram em sua direção e Adaléia cravou as unhas em seu pescoço.

— Eu vou te matar, seu sequestrador! — gritou a princesa.

Eldric a segurou, pedindo para que ela se acalmasse, Adaléia afrouxou ligeiramente as mãos, seu rosto se contorceu em confusão quando reconheceu Eldric. O jovem

comandante aproveitou a brecha para se afastar dela, mantendo uma distância segura. Aurin e Celeste observavam a confusão à distância, silenciosos, sem acreditar completamente na loucura que acabara de se desenrolar diante de seus olhos.

— Essa era a única solução, meu amor — disse Aurin mais uma vez, enquanto Celeste permaneceu incrédula, balançando a cabeça de um lado para o outro, já cansada de ouvir a mesma frase repetidas vezes.

— Eles vão nos matar, Aurin, e o pior, vão matar o meu povo. — Celeste olha para o céu, sentindo o peso de todas as responsabilidades que lhe foram impostas.

Um graveto se partiu e Celeste testemunhou o exato momento em que Adaléia puxou Aurin pelo pescoço. Eldric parou ao lado dela, com os braços cruzados e com a expressão de raiva e descrença.

— Você está louca? — Aurin cospe cada palavra no rosto de Adaléia.

— Não, quem está louco é você! Por que me sequestrou? — ela falou devagar, ainda com as mãos presas ao pescoço do príncipe.

— Se você me soltar.

Adaléia olhou para Aurin com um olhar tão frio quanto o dele.

— Estamos esperando, alteza — ela falou com um tom de deboche, que soaria engraçado se eles não estivessem no meio da noite, na floresta mágica e a um passo da fronteira com o reino humano.

Aurin olhou ao redor, repensando por um segundo se essa foi mesmo uma boa ideia. Mas agora já era tarde demais. Eles provavelmente já estavam sendo procurados, não haveria mais volta. O príncipe respirou fundo antes de falar.

— Eu e Celeste vamos nos casar e vamos embora. — Aurin passou as mãos pelo rosto, que estava suando. — Vamos para o reino humano.

— O quê? — Adaléia e Eldric falaram ao mesmo tempo, perplexos com a revelação.

— Aurin, você só pode estar louco — Eldric gritou com o amigo, fazendo o príncipe se encolher ainda mais.

— E por que eu fui sequestrada? Você não queria se casar, nem eu. Por que me trouxe aqui? — Adaléia cruzou os braços, aguardando a resposta.

— Só há uma forma de quebrar a promessa de sangue sem consequências desastrosas. — Aurin respirou fundo. — Nós dois devemos nos casar com pessoas diferentes, assim, as consequências serão menos devastadoras para os reinos.

Adaléia olhava para Aurin, incrédula, sem conseguir compreender quem aquele *príncipezinho* achava que era. Ela não estava disposta a se casar com qualquer pessoa apenas para que ele pudesse alcançar seu “felizes para sempre”. E quanto a ela? Sua vida e seu coração não importavam?

— Onde você quer chegar, alteza? — Eldric já estava cansado daquilo.

— Eu vou me casar com Celeste e, juntos, nós quatro vamos para o reino humano.

Todos permaneceram perplexos diante daquela afirmação.

— Vai sonhando. Eu vou embora agora. — Adaléia passou por Aurin quase o derrubando e caminhou em direção a uma árvore. Porém, sua perna travou e ela caiu para trás, como se alguém a tivesse empurrado.

— Não dá para voltar atrás — Aurin falou baixinho.

— Por que não dá? — falou Adaléia, bem devagar.

— Eu violei o Arco do Triunfo. — Agora, o príncipe parecia realmente prestes a vomitar.

Adaléia olhava, horrorizada, enquanto Celeste e Eldric permaneciam paralisados.

— Aurin. — Celeste olhava para o príncipe e ele observava enquanto uma lágrima caía lentamente pelo rosto de sua amada.

Adaléia analisava o rosto dos dois com uma sensação de ódio crescendo no peito. Aurin era um egoísta, ela sabia disso, mas nunca imaginou que ele teria coragem de arriscar sua própria vida, e não apenas a dele, a de todos, para se casar com Celeste. Violar o portal mágico era uma traição não apenas a uma cidade, mas a todo o reino mágico. Aurin era um tolo se pensava que poderiam ter um final feliz depois disso.

Quando Aurin percebeu que ninguém mais falava, ele continuou.

— Eu já vinha planejando isso há algum tempo.

— E foi você quem trouxe um humano para dentro do nosso reino, não foi? Por quê? — Eldric proferia cada palavra com nojo.

— Porque a única forma de enfraquecer o portal era com o sangue não mágico. — Aurin parecia genuinamente envergonhado.

— Você fez todos acreditarem que não sabia disso, pior ainda, fingiu estar desesperado com a aproximação do casamento — Eldric cuspiu cada palavra com desprezo.

— Era a única forma... Se a barreira mágica estiver fraca, o pacto de sangue também fica fraco. — O príncipe passava as mãos pelos cabelos, num gesto nervoso.

— E nessa sua brilhante ideia, onde entram as rainhas? Você realmente acha que elas vão permitir que você se case com a *princesinha* abnegada? Elas vão nos matar, nos caçar em cada canto do reino mágico. Esse plano é tão idiota quanto você, *príncipezinho* egoísta. Você sequer pensou no que vão fazer com Eldric quando descobrirem que ele te ajudou? E com ela? — Adaleia aponta em direção a Celeste. — Tudo isso vale mesmo a pena?

— Vamos embora para o reino humano, ninguém vai nos encontrar lá. Eu já viajei em algumas explorações, e as rainhas nunca pensarão em nos procurar por lá. — Aurin parecia desesperado. — Adaléia, sei que nunca fomos amigos e eu já fui terrível com você, mas eu quero me libertar dessa vida, não quero ser rei, nunca quis isso, e sei que você muito menos. — O príncipe caminhou em direção a Adaléia e juntou suas mãos às dela, como uma súplica. — Passei todos esses anos te odiando e sempre repeti para mim mesmo que você era uma versão da sua mãe. Mas você não é, nunca foi parecida em nada com ela. Eu conheço o seu

coração, mesmo que não quisesse admitir. Sempre escutei histórias de camponeses sobre como você era bondosa, sempre disposta a ajudar quem quer que fosse. Você é boa, e não estou falando isso apenas para que aceite meu plano, mas depois de tudo que já lhe fiz passar, quero apenas o seu perdão.

Aurin olha para Eldric.

— Eldric, você é meu irmão e sempre será. Você odeia esse reino, a corte, o poder, tanto quanto eu. Me desculpe por tê-lo arrastado para essa loucura.

E, por fim, vira-se para Celeste.

— Você é o amor da minha vida, para mim não faz sentido viver em um mundo onde não posso te amar, onde não posso ser amado por você. Me perdoe por ter envolvido você e a todos aqui nisso, mas eu precisava tentar, precisava fazer algo. Eu jamais me perdoaria se não fizesse.

Adaléia, Eldric e Celeste se encararam intensamente, quando uma fenda obscura se abriu dentro do portal, sinalizando que eles não tinham mais muito tempo. Dentro de cada um dos quatro jovens, uma chama ardente ansiava por essa mudança, secretamente desejando que o futuro pudesse ser reescrito. Com uma expressão determinada, Adaléia tomou sua decisão, ela estendeu uma adaga.

Um a um, eles permitiram que seu sangue pingasse no chão mágico, enquanto a floresta parecia congelar no tempo, testemunhando o momento crucial. Em um gesto de união, eles entrelaçaram suas mãos e, diante deles, o portal mágico se abriu, revelando o outro lado da floresta — o

mundo humano. Sem hesitar, juntos, eles atravessaram o majestoso Arco do Triunfo, o portal mágico. No entanto, eles estavam longe de imaginar que, ao quebrarem os grilhões que o destino lhes impôs, estariam condenando todos os sete reinos que deixariam para trás. O preço da liberdade era mais elevado do que jamais poderiam ter previsto.



Capítulo 2

A magia cobra um preço



om a partida dos quatro jovens, o reino mágico mergulhou em caos. A rainha Judy, atribuindo a culpa ao quarto reino, desencadeou sua ira sobre ele. Casas foram incendiadas, criaturas mágicas foram assassinadas e o povo de Celeste foi brutalmente reduzido, sobrando apenas alguns poucos sobreviventes condenados à escravidão. A rainha do sétimo reino procurou incansavelmente pelos quatro jovens e conquistou os outros seis reinos no processo. Uma a uma, as rainhas foram mortas por sua mão, exceto a mãe de Aurin, que foi poupada para sofrer eternamente. Adaléia, Eldric, Celeste e Aurin viveram protegidos durante anos. Antes de fugirem do reino mágico, os quatro, usando seus conhecimentos de magia, ergueram uma barreira mágica quase intransponível, impedindo qualquer ser mágico de atravessar para o mundo humano.

Eles viveram durante anos em um autoexílio, ignorando sua verdadeira identidade e as pessoas que foram condenadas por sua traição. Sabiam que as consequências de suas ações recairiam sobre todo o povo, sobre os sete reinos. Celeste e Aurin aproveitaram cada dia como se fosse o último, seu amor floresceu ainda mais com o tempo.

Os anos se passaram e nenhum dos quatro recebeu notícias do reino mágico ou das rainhas. Parecia que essa parte de suas vidas estava desaparecendo com o tempo, tornando-se apenas uma memória distante. Assim, começaram a acreditar que tinham alcançado seu tão esperado final feliz. No entanto, estavam terrivelmente enganados.

Ao quebrarem o pacto de sangue, Adaléia e Aurin nunca se casaram de verdade, e a mancha no pacto trouxe consigo uma terrível condenação. No exato momento em que Celeste deu à luz ao primeiro filho de Aurin, a maldição se materializou. A culpa crescia a cada dia, e mesmo que tentassem esquecer quem eram, todos os dias, todas as noites, eram assombrados por sonhos de destruição. O mundo mágico parecia mostrar a cada um deles as consequências de suas escolhas. A verdade é que nenhum deles conseguia mais suportar o fardo, e, por um infortúnio do destino, Adaléia foi capturada.



Era uma tarde gélida, Adaléia sentia um cansaço profundo corroendo seu ser. Cansada de despertar todas as

noites, coberta de suor e com a mente turva, ela se aproximou do imponente Arco do Triunfo e, com mãos trêmulas, removeu as barreiras que havia ajudado a erguer tantos anos antes. A princesa da sétima cidade jamais esqueceu o peso daquelas proteções, mesmo que Eldric tenha se esforçado para fazê-la se adaptar ao mundo mortal nos primeiros anos. Era como uma doce ilusão, uma vida humana na qual ela poderia ser quem quisesse.

Porém, a noite trazia consigo um cruel lembrete de seu passado, arrancando-a de seus sonhos e transportando-a de volta ao reino mágico. Ela sentia o sofrimento de seu povo e sabia, em parte, que aquilo era sua culpa. Adaléia nunca desejou ser uma princesa, mas essa era a cruel realidade imposta a ela. Seu povo não merecia aquele destino e ela não suportava mais carregar aquele fardo.

Quando Aurin, Eldric e Celeste descobriram a ação corajosa de Adaléia, perceberam que o tempo deles tinha se esgotado e o início do fim era iminente. Aurin e Celeste tiveram que deixar seu único filho para trás no mundo humano, partindo ao lado de Eldric em direção ao reino mágico. Sabiam que jamais veriam seu amado filho novamente, mas era o sacrifício que o amor lhes impunha. Abandonar suas próprias vidas para garantir que seu filho tivesse uma chance de viver. Na noite em que cruzaram a fronteira, suas almas se partiram irremediavelmente, em um lamento silencioso.

Com lágrimas nos olhos, aceitaram de bom grado o destino que os aguardava, gratos pelo precioso tempo que

compartilharam juntos. Ao adentrarem o reino mágico, depararam-se com um cenário assustador, tão semelhante aos pesadelos que os atormentavam. Era como se o reino mágico estivesse clamando por socorro todo aquele tempo, implorando por uma intervenção. Eldric, Adaléia, Aurin e Celeste lutaram com fervor contra a tirana rainha da sétima cidade, porém, seus esforços pareciam insignificantes diante do poder avassalador que ela possuía. O momento fatídico aproximava-se rapidamente: a invasão iminente do reino humano pelas mãos cruéis da rainha. Eles sabiam que, uma vez ultrapassada a fronteira mágica, tudo estaria perdido. O mundo humano seria devastado.

Os quatro jovens sabiam que eles mesmos haviam desencadeado a maldição ao partir e romper o pacto de sangue. Condenaram não apenas os reinos, mas também a si mesmos. Eles não podiam permitir que o mundo mortal sofresse pelas escolhas que fizeram. Já tinham sangue suficiente em suas mãos. Ao descobrir a verdade sobre o filho de Celeste e Aurin, a única rainha restante, a rainha da segunda cidade, foi resgatada, porém, estava à beira da morte. Judy, a traidora, a envenenara durante anos.

Ao tomar conhecimento do neto escondido no reino humano, a rainha, utilizando suas últimas forças e magia, decidiu lutar pela última vez, transformando Judy em uma gigantesca cobra. Junto com Aurin, Celeste e Adaléia, eles decidiram selar as Sete Cidades Encantadas, transformando tudo em pedra, inclusive a si próprios. Desejavam que, assim, a rainha má nunca conseguisse se libertar. Entre-

tanto, antes de completarem o feitiço, Judy, mesmo transformada em cobra, compreendeu o que estavam prestes a fazer e lançou uma maldição terrível.

A maldição transformou tanto Celeste quanto Aurin em lagartos gigantescos petrificados, condenando-os à eternidade juntos, mas sem poderem se tocar. Por sorte, Adaléia e a mãe de Aurin conseguiram terminar, juntas, o feitiço, petrificando um a um os habitantes das Sete Cidades Encantadas.

A lenda conta que a maldição que a rainha má lançou tinha um prazo de validade: no dia em que os dois lagartos de pedra se tocassem, as sete cidades mortais ao redor dos sete reinos encantados se tornariam em pedra e as sete cidades encantadas voltariam à vida. A única forma de quebrar a maldição sem consequências seria quando um humano de coração puro, com amor e determinação, passasse pelo Arco do Triunfo, o portal mágico, e fizesse três pedidos utilizando as palavras certas.



Capítulo 3

Quando a terra dormiu

Dizem que a terra não morre — apenas adormece. Mas naquela noite, após o grito da rainha rasgar os céus, as Sete Cidades silenciaram como se o próprio tempo tivesse perdido a fala. Os tronos ruíram. As torres desapareceram em brumas. As coroas viraram poeira. E os dois amantes, cujos corpos agora se olhavam em forma de pedra, ficaram presos naquele instante — eternamente próximos, mas sem jamais se tocarem.

A rainha, consumida pela fúria, amaldiçoara mais do que o amor. Ela escondera os reinos sob a pele do mundo. Disse que enquanto alguém não se lembrasse da história com o coração limpo de rancor, os sete reinos permaneceriam adormecidos. E que, se algum dia os dois lagartos esculpidos pelas eras se tocassem, o feitiço se quebraria e os reinos voltariam a florescer.

Mas o tempo, impiedoso e vasto, foi apagando os nomes. As crianças nasceram sem saber da guerra. As pedras

deixaram de sussurrar. E a dor virou silêncio. As Sete Cidades tornaram-se ruínas. E as ruínas, mistério. A floresta tomou o que restava dos palácios. As estradas se tornaram trilhas. Mas as marcas... as marcas permaneceram. As cavernas ainda guardavam desenhos que ninguém sabia explicar. Os portais de pedra ainda se erguiam, solenes, como sentinelas que não dormem. E no centro do Parque, dois lagartos petrificados continuavam sua vigília — olhos vazios voltados um para o outro, separados apenas por um suspiro de distância.

Dizia-se que, se alguém de coração puro atravessasse o arco da Pedra do Portal e fizesse três desejos verdadeiros, poderia trazer de volta a história esquecida. Mas ninguém se lembrava mais de como desejar.

Havia quem jurasse que, em noites de lua cheia, a terra tremia levemente, como se tentasse acordar. E que, em alguns raros sonhos, o príncipe ainda chamava o nome de sua amada. E ela, mesmo em silêncio de pedra, ouvia. As Sete Cidades dormiam. Mas não estavam mortas. Porque lendas, mesmo esquecidas, continuam respirando sob a poeira. Esperando o momento em que alguém ouse lembrar.



Capítulo 4

A guardiã do portal

Nos dias de agora, quando o mundo corre tão rápido que quase se esquece de olhar para o chão, a pedra ainda espera. No Parque Nacional de Sete Cidades, entre Brasileira e Piracuruca, há uma trilha escondida que só aparece para quem chega com a alma leve. Ali, entre formações que parecem muralhas e sombras que parecem vozes, mora uma pedra em forma de arco. E dizem que, se alguém de coração puro atravessá-la sem olhar para trás, três desejos serão ouvidos — e as Sete Cidades poderão despertar.

Ninguém mais acreditava nisso. Ninguém... exceto Lina.

Lina tinha doze anos e olhos de gente antiga. Não era filha de rei, nem neta de feiticeira, mas carregava no sangue a memória de uma linhagem esquecida. Morava com a avó em uma casa de barro e vento, e todas as noites escutava histórias que o mundo chamava de mentira.

— Um dia, os lagartos vão se tocar — dizia a avó. — E você vai estar lá para ver — completava, sempre olhando o céu como se buscasse sinais.

Lina ria. Mas algo nela tremia quando passava pelo parque.

Num domingo nublado, guiada por um pressentimento que não sabia nomear, ela foi sozinha até a trilha escondida. O vento parecia sussurrar. As pedras pareciam piscar. E então ela viu: o Portal.

Era uma pedra arqueada, com musgo nas bordas e um símbolo esculpido bem no topo — uma espiral dupla com um ponto no centro. O mesmo símbolo que aparecera nos sonhos de Lina desde pequena. O mesmo que sua avó dizia estar nas pedras das cidades perdidas. Sem pensar, Lina passou pelo portal. Não olhou para trás. Seu coração batia como um tambor antigo. E no instante em que seus pés tocaram o chão do outro lado, o ar ficou denso, o tempo vacilou e o mundo escutou.

Ela não falou seus desejos em voz alta. Ela sentiu.

Desejou que as histórias nunca fossem esquecidas. Desejou que o amor não fosse punido por ser livre. Desejou que os olhos do mundo voltassem a ver o que estava bem debaixo dos pés.

A pedra brilhou. As nuvens se abriram. E lá, na formação onde dois lagartos de pedra se encaram há séculos, uma rachadura se formou. Pequena. Sutil. Mas visível.

Como se, pela primeira vez em milênios, um deles tivesse se movido.

Foi naquela madrugada, após a travessia de Lina, que o mundo começou a estremecer de forma quase imperceptível — como se algo há muito adormecido tivesse respirado pela primeira vez em séculos.

No coração de cada cidade petrificada, uma fagulha se acendeu. A Cidade do Norte sentiu cheiro de flor de jasmim — a mesma que decorava os casamentos antigos. A Cidade do Leste teve suas águas agitadas sem vento, e os peixes dourados nadaram em círculos espirais. Na Cidade Central, onde moravam os tronos esquecidos, as muralhas ecoaram risos de crianças. E, entre os lagartos de pedra, uma gota d'água caiu — ainda que o céu estivesse limpo. Porque a maldição não era eterna. Era apenas condicional ao esquecimento.

E Lina lembrava.

Ela não sabia o nome do príncipe ou da princesa, mas os sonhava desde pequena. Via um casal fugindo por entre árvores de pedra, sempre olhando para trás, sempre ofegantes, sempre com os olhos cheios de amor e medo. E em seus sonhos, a rainha não era má. Era apenas uma mãe com o coração partido, uma mulher que viu o mundo ruir porque o amor que prometeu proteger foi desviado por outro que ardeu mais forte. Mas por trás da maldição, havia dor. E dor também é memória.

Lina, naquela noite, voltou ao lugar dos lagartos. Ficou entre as duas figuras de pedra, de frente para eles, como se fosse o elo que faltava. Fechou os olhos. E cantou.

Era uma canção que não sabia que sabia. Uma melodia que sua avó cantarolava sem nunca explicar. Uma canção que dizia que o amor verdadeiro não separa reinos — ele os une.

A terra estremeceu.

A ponta da cauda de um dos lagartos quebrou-se, revelando pigmento vermelho por dentro da pedra — como sangue. A outra figura brilhou levemente, e no ar surgiu um cheiro de flor de açucena.

— Está começando — sussurrou uma voz atrás de Lina.

Era uma mulher de cabelos longos e pele marcada pelo tempo. Ninguém sabia de onde ela vinha, mas seus olhos tinham o mesmo brilho da pedra viva. Ela tocou o ombro da menina.

— Você é a primeira a lembrar. Mas não será a última.

— O que acontece agora? — perguntou Lina, assustada.

— Agora, os reinos voltarão a pulsar. Mas só despertarão quando todos souberem o que foi esquecido.

E, assim, enquanto o mundo dormia, as Sete Cidades começaram a sonhar de novo.



Epílogo



izem que o mundo esqueceu. Mas as pedras, não. Onde o Sol beija a rocha e o vento carrega vozes antigas, as Sete Cidades ainda respiram. Não em forma de palácios ou canções — mas em silêncio esculpido, em portais de pedra que parecem observar, em olhos de lagartos eternamente prestes a se tocar.

Os cientistas chamam de formações geológicas, erosão, gravuras pré-históricas. Mas quem escuta com a alma reconhece: há mais ali do que o tempo pode apagar. Em meio ao Parque Nacional de Sete Cidades, ainda há desenhos que não obedecem à lógica. Pedras que parecem castelos desfeitos. E o tal Portal — uma rocha esculpida pela natureza, mas moldada, talvez, por algo maior — onde reza a lenda que se alguém de coração puro passar e fizer três desejos com verdade, as cidades retornarão.

Ainda hoje, turistas cruzam seus caminhos, arqueólogos escavam os segredos, e crianças, quando se aproximam

das figuras rupestres, ouvem um sussurro que ninguém mais ouve: *lembre-se*.

Preservar esse lugar é mais do que um dever ecológico. É um pacto com a memória. Porque enquanto houver uma pedra que conte, uma lenda que resista e um coração capaz de acreditar, as Sete Cidades não estarão perdidas. Apenas esperando. E quem sabe, talvez o toque entre os lagartos esteja mais próximo do que jamais esteve. A última porta ainda está ali. Aberta para quem não tiver esquecido como a desejar.



CONT0 3

A noiva que nunca chegou à igreja

*Releitura da Lenda de Ana
Jansen – São Luís, Maranhão*





Epígrafe

O que não foi confessado em vida,
volta na morte com vestes de noiva.

E há promessas que atravessam
séculos arrastando correntes.

— *Fragmento do Livro das Almas Condenadas,*
século XIX



Prólogo



izem que à meia-noite, quando a cidade cala fundo, uma carruagem negra corta as ruas de São Luís como se o tempo ainda fosse feito de pecado. Ela não faz curvas. Não para em sinais. E não segue o mapa que os vivos conhecem. Dentro dela, uma mulher de vestido branco — manchado, sempre manchado — segura uma vela acesa nas mãos ossudas. E seus olhos, que já foram de carne, hoje são breu. Não se sabe ao certo se ela busca perdão ou vingança. Só se sabe que ainda busca. Alguns a chamam de fantasma. Outros, de lenda. Mas os antigos — os que ainda respeitam as pedras do centro, os sinos das igrejas e os nomes que ninguém deve dizer em voz alta — esses a chamam pelo nome que ela não abandonou nem na morte:

Ana.

Ana Jansen. *A noiva que nunca chegou à igreja.* A mulher que vestiu a cidade de medo e de silêncio — e que, até hoje, ainda espera o dia do seu casamento.



Capítulo 1

A vela que nunca apaga



la se chamava Isadora — mas odiava o nome. Parecia nome de quem nasceu com destino pronto. E ela nunca soube onde terminava. Estava em São Luís havia apenas três semanas, matriculada no curso de História da UFMA, tentando recomeçar longe de tudo o que a engolira em Teresina: a dor do luto, a claustrofobia dos olhares e a sensação de que o tempo lá havia congelado ao redor da ausência do pai.

Achou que, vindo para cá, escaparia daquilo. Mas havia algo nesta cidade, algo antigo, molhado, morno demais para ser apenas calor. Como se a cidade não fosse feita de terra, mas de lembrança. Como se o vento que batia nas palmeiras do centro histórico sussurrasse nomes. E o nome que ela mais ouvia era sempre o mesmo: Ana.



A primeira vez que a viu foi num sonho. Isadora estava parada no alto da escadaria da Igreja da Sé. A cidade ao fundo era cinza e sem pessoas. E da Rua do Egito, veio o som. Cascos. Correntes. E uma vela acesa, flutuando no escuro. A carruagem surgiu como se nascesse da própria névoa. Preta como luto selado com cera. Dentro dela, uma mulher de vestido branco segurava a chama entre os dedos pálidos. Seu rosto não era visível. Mas seus olhos. Os olhos estavam abertos demais. Quando a carruagem passou por ela, a vela tremeu. E mesmo em sonho, Isadora sentiu o cheiro de cera derretida e carne queimada. Acordou suada. Com um gosto estranho na boca. E a marca de uma vela na palma da mão. Era pequena, e ainda quente.

Ela se levantou da cama num pulo. O quarto escuro. As paredes abafadas. O relógio marcava exatamente meia-noite. Seu corpo inteiro dizia que era só um pesadelo.

Mas sua pele dizia o contrário.



No dia seguinte, decidiu visitar a Casa das Tulhas. Era um lugar turístico, cheio de feirantes, de comida forte e histórias jogadas ao vento. Ela não sabia por que tinha ido parar ali. Só sabia que precisava. E foi lá que uma velha mulher, com olhos nublados e unhas escuras, parou diante dela e disse:

— A cidade escolheu você.

— Perdão? — Isadora gaguejou.

— Toda cidade tem seus fantasmas. Mas nem todo mundo é chamado para escutá-los.

A senhora segurou o pulso de Isadora e olhou diretamente para a palma da mão. E quando viu a marca vermelha deixada pela vela, murmurou:

— A noiva voltou a procurar quem carregue sua chama.

— Do que a senhora *tá* falando?

A velha riu. Um riso seco e quase gentil.

— Do casamento que nunca aconteceu. E da cidade que arde desde então.

Naquela noite, Isadora sonhou de novo. Mas dessa vez ela não viu a carruagem passando. Ela estava dentro dela. E Ana, de vestido queimado e olhos de pedra, sussurrou bem perto de seu rosto:

— *Você ainda acredita no amor, menina? Então prepare-se. Porque amar aqui custa caro.*

E a vela acesa tremia entre as duas. Como se estivesse prestes a apagar. Como se quisesse ser passada adiante.



Capítulo 2

O casamento que nunca houve



o terceiro sonho, Ana estava de costas. O vestido branco arrastava pelo chão como névoa. Ela caminhava lentamente por uma rua de pedra torta, com a vela acesa tremendo ao lado do rosto. E, atrás dela, ecoavam vozes. Não falavam em palavras. Sussurravam nomes. Nomes que Isadora não conhecia — mas sentia dentro dos ossos.

“João. Pedro. Isaura. Rosa. Tião. Benedita.”

Gente que nunca foi enterrada inteira — disse Ana, sem virar o rosto.



Na manhã seguinte, Isadora foi ao Arquivo Público do Maranhão. Ninguém a mandou. Nenhuma aula a levou. Mas algo naqueles sussurros dizia: comece pelas páginas

apagadas. Pediu documentos sobre Ana Joaquina Jansen Pereira, mulher poderosa do século XIX, proprietária de terras, escravos, alianças. Tinha fama de arrogante. E uma história estranha envolvendo carruagens fúnebres, vela acesa e uma missa inacabada.

O arquivista hesitou.

— Esse nome traz coisa ruim. — E entregou a ela um dossiê empoeirado.

Na folha amarelada, lia-se:

“Dizem que Ana Jansen mandou construir a própria carruagem fúnebre, cravejada de prata e puxada por cavalos negros.”

“Dizem que a mandou abençoar em vida, para que nenhum padre se recusasse a acompanhá-la na morte.”

“Dizem que ela morreu antes do casamento.”

“Mas continuam vendo a carruagem até hoje. Sempre com uma vela. Sempre às sextas.”

“E sempre perto da igreja que nunca a recebeu.”

Isadora fechou os olhos. Sentiu o cheiro de cera outra vez. Ela estava sendo puxada. Não por curiosidade, mas por fome de verdade. Como se a vela que agora guardava em segredo só pudesse apagar se ela encontrasse o fim da história.

Na noite seguinte, voltou à Igreja da Sé. Ficou parada diante da escadaria por longos minutos. O céu limpo, a lua

opaca. Havia algo de errado no ar. Como se a cidade inteira estivesse segurando o fôlego. Ela acendeu a vela. Não sabia por quê. Mas sentia que precisava fazer isso ali. E, então, ela apareceu. Ana. Na carruagem. Mas, dessa vez, parou diante dela.

A porta se abriu. E o vulto vestido de noiva estendeu a mão.

— Ainda quer saber quem sou, menina?

— Eu... — a voz de Isadora falhou.

— Então venha.

— Para onde?

— Para onde param as promessas que nunca foram cumpridas.

E quando Isadora subiu na carruagem, o mundo girou. A cidade sumiu. As luzes se apagaram. E tudo ficou em pedra e névoa. Como se ela tivesse entrado no tempo da Ana. E em algum lugar entre passado e presente, ela ouviu a mesma pergunta ecoar, como um aviso ou uma maldição:

— *Você ainda acredita no amor, menina?*



Capítulo 3

A cidade que espera pelo amém



sadora não sabia onde estava. A cidade era São Luís — mas não a São Luís que conhecia. As fachadas estavam inteiras. As pedras do calçamento, polidas. Os lampiões de óleo ainda iluminavam as ruas com uma chama trêmula. E havia vozes, muitas vozes, falando em tom baixo, como se a cidade inteira estivesse em missa. Mas não havia ninguém ali. Só ela. E Ana. Na carruagem.

A noiva a olhava com olhos fundos, como se soubesse o que vinha depois. Como se já tivesse vivido aquele dia, milhares de vezes — e nunca conseguido sair dele.

— Onde estamos? — Isadora perguntou, com a voz arranhando.

— No dia que nunca terminou.

— Que dia?

— O dia em que não houve casamento.

A carruagem seguiu.

Ela reconhecia algumas ruas — mas tudo era anterior, ancestral, coberto por uma bruma que não era tempo. Era peso. Como se o passado tivesse sido selado com sal, sangue e esquecimento. A carruagem parou diante da Igreja do Carmo. Ana saiu, com a vela ainda acesa, o vestido tremendo como se carregasse todas as almas que não foram salvas.

— Eu estava pronta — disse ela. — Pronta para ser mulher, esposa.

— O que aconteceu? — Isadora perguntou.

— O padre fechou a porta.

— Por quê?

— Porque eu não era pura.

— Por que era poderosa?

— Porque era livre.

Ana sorriu. Mas não havia doçura naquele sorriso.

— Naquela manhã, bati à porta da igreja com o vestido mais caro da cidade. Trazia comigo uma promessa de amor e quarenta almas em dívida. E o padre disse: *Você não será enterrada aqui. Nem agora. Nem nunca.*

Isadora sentiu um arrepio subir pelas costas.

— Ele disse isso no seu casamento?

— Não houve casamento.

— Por causa das almas?

Ana virou-se lentamente para ela.

— Não pelas almas que matei, mas pelas que deixei viver.

A vela tremeu nas mãos de Isadora.

Ela entendeu.

Ana Jansen, a mulher, não era apenas a “Senhora do Maranhão”. Ela era alguém que rompeu um destino. Recusou-se a ser submissa. Amou quem não podia. Desafiou padres, senhores e coronéis. E, por isso, foi condenada a não terminar seu caminho.

A bruma começou a se desfazer. E as pedras da cidade voltaram a aparecer. Mas não eram mais do século XIX. Era a São Luís de agora — só que vazia. Como se todos estivessem esperando algo. O chão pulsava. O ar cheirava a vela antiga.

Ana olhou para Isadora.

— Só falta um passo.

— Qual?

— Me levar até o altar.

A porta da igreja se abriu com um rangido profundo. Isadora segurava a vela. Ana andava ao lado. Mas a cada passo, o chão tremia. Como se a cidade inteira reagisse. Como se os fantasmas estivessem acordando. Quando chegaram ao altar, Ana parou. O véu cobria seu rosto. O vestido agora parecia tecido de sombra.

— Diga “amém” — sussurrou ela.

Isadora engoliu em seco.

— Eu não sou padre.

— Não precisa ser. Só precisa lembrar.

— Lembrar o quê?

— Que nem toda mulher que ama é santa. Mas toda mulher que é esquecida vira lenda.

A vela tremulou uma última vez. E apagou.

No mesmo instante, os sinos tocaram. Todos. E, pela primeira vez em dois séculos, a noiva chegou até o altar. Mas quando Isadora olhou para o lado, Ana havia sumido.



Epílogo



o dia seguinte, São Luís amanheceu silenciosa. Mas não opressiva. Silenciosa como alguém que, enfim, pôde respirar. A Igreja do Carmo estava com as portas abertas. E, no altar, uma vela gasta e queimada havia sido deixada. Isadora voltou para casa em paz. Mas com um nome queimando no peito. Ana. Não como assombração. Mas como memória. Como uma mulher que amou demais, lutou demais e nunca foi ouvida. E, agora, finalmente, foi lembrada.



CONTO 4

A última fogueira da terra

*Reconto da Lenda do Parque Nacional
da Serra da Capivara – Piauí*





Epígrafe

Antes do tempo haver nome, a pedra já sabia contar. E o
fogo, ainda aceso, lembra de quem o acendeu.

— *Fragmento perdido da Serra*



Prólogo



izem que o tempo esquece. Mas ali, entre as pedras esculpidas pela eternidade e o calor que ainda mora sob o solo, há um lugar em que o tempo se curva. Em que as mãos que desenharam o mundo ainda falam. E os olhos que viram os primeiros deuses ainda choram. Na Serra da Capivara, o céu é velho. As árvores sussurram nomes que nunca foram registrados. E há memórias escondidas sob cada pigmento que resiste ao sol. Este não é um conto sobre o passado. É um aviso do que nunca deixou de ser.



Capítulo 1

Quando o mundo era fogo



uma noite em que o silêncio era mais espesso que o ar, a primeira chama surgiu.

Não vinda do céu, nem roubada dos deuses, mas nascida do atrito entre duas pedras, no centro de um círculo de olhos famintos. Eram homens, mas ainda não sabiam disso. Mulheres com lanças. Crianças com os rostos pintados de vermelho. Um povo inteiro feito de terra e fome.

Ali, onde hoje chamamos Serra da Capivara, a primeira fogueira do continente ardia.

— Ele fez o fogo falar — murmurou a anciã, com a voz cheia de rugas. — E, agora, o mundo vai ouvir.

O menino que havia domado a pedra se chamava Rahu. Tinha o olhar de quem já se lembrava antes de nascer. E uma cicatriz em forma de espiral, bem no centro do peito.

O fogo, dizem, não o queimava. Dançava com ele.

— Toda vez que um fogo nasce, um deus acorda — repetia Rahu, em uma língua que já foi esquecida.

Naquela noite, Rahu ergueu a primeira chama e entoou um canto que se gravou em pedra. Cada nota sua virou imagem, e cada imagem virou símbolo. Os outros não entendiam, mas sentiam que ali, naquele instante, algo havia mudado para sempre.

A pedra, então, começou a contar a história dos homens. E a primeira lenda foi escrita com fogo.

Os dias que se seguiram foram de aprendizado e temor. O fogo trouxe luz, mas também mostrou as sombras.

Rahu passou a ser temido. Onde andava, os animais silenciavam. As folhas estalavam sozinhas. E quando ele tocava as paredes do cânion, os desenhos surgiam sem pigmento — como se a pedra já soubesse o que contar.

As outras tribos se aproximaram. Vieram curiosas, mas também armadas. Não era comum que um menino molhasse o mundo.

— Você pintou o Sol na rocha? — perguntou um guerreiro da tribo Katu.

— Não. Eu o ouvi primeiro.

A anciã que acompanhava Rahu sabia: ele não era comum. Dizia que ele era o filho do “eco da primeira palavra” — um som que restou quando o mundo ainda não era mundo. E que, por isso, sua voz marcava o que existiria depois dele.

A linguagem das sombras não era feita de símbolos. Era feita de silêncio e de memória. E a pedra da Serra, aquela pedra viva, reconhecia Rahu como um filho.

Foi nesse tempo que surgiram as primeiras visões. Mulheres viam onças feitas de fumaça. Crianças sonhavam com olhos vermelhos que brilhavam entre as cavernas. E, em certas madrugadas, o fogo acendia sozinho.

— Não é magia — disse Rahu. — É memória. O fogo apenas lembra onde ardeu.

E foi assim que a Serra despertou.

Não com medo. Mas com sede de ser lembrada.



Capítulo 2

A fogueira



chuva demorava mais a chegar naquele tempo. O céu era denso, costurado por pássaros de pedra e lamentos esquecidos. E, no coração da Serra, onde as cavernas respiram segredos há milênios, a Toca do Boqueirão sussurrava uma nova história. Rahu caminhava só. Os outros já temiam demais sua presença para segui-lo. Dizia-se que as cinzas floresciam onde ele pisava. Que suas pegadas não deixavam poeira, mas vestígios — e que seus olhos refletiam o céu antes do tempo ser nomeado.

Foi na fenda mais funda da rocha, naquela onde até o Sol hesita em entrar, que ele encontrou a caverna que mudaria tudo. Ali, o silêncio era tão antigo que já havia esquecido como se calar. As paredes estavam cobertas por formas: mãos abertas, cervos que pareciam correr, círculos como olhos eternos. Mas uma parte da rocha estava limpa, intocada, esperando. E quando Rahu chegou, ela brilhou.

Sem tinta. Sem instrumento.

Somente a palma de sua mão.

Ele a encostou. A rocha respondeu.

Um clarão irrompeu do chão e iluminou a caverna como se o próprio Sol houvesse nascido ali dentro. E, então, o fogo surgiu — não como labareda, mas como memória em brasa. Ele flutuava nas paredes como ecos de coisas que ainda não tinham acontecido. Era como se a pedra estivesse lembrando do futuro.

Foi ali que surgiu a mulher.

Não veio andando. Veio surgindo das rachaduras, como névoa que carrega lembranças.

Chamava-se Idêa, a mulher que escutava fósseis. Tinha cabelos feitos de terra batida e olhos da cor do céu antes da primeira estrela.

— O que vês aqui, Rahu? — ela perguntou.

— Um espelho de tudo que ainda será esquecido — ele respondeu.

Idêa era diferente dos outros. Ela não temia as memórias que a terra sussurrava. Veio de terras distantes, onde estudavam os traços dos antigos. Mas aqui, na Serra, ela deixara de estudar. Passara a escutar. Ela dizia que a fogueira mais antiga do mundo ardia ali, sob as camadas do tempo. E que os homens que a acenderam deixaram não apenas cinzas, mas caminhos. E que era dever de quem ouvia esses caminhos mantê-los vivos. Naquele dia, ela mostrou a Rahu uma caverna onde os ossos cantavam. E outra, onde os desenhos mudavam de lugar conforme a luz do fogo.

E outra ainda, onde uma fogueira, jamais acesa por mãos humanas, ainda ardia — sozinha, ancestral, eterna.

— Essa é a Última Fogueira da Terra — disse Idêa. — E ela só se apaga se todos se esquecerem.

Rahu não respondeu. Apenas encostou a palma na parede, e um novo símbolo surgiu. Uma espiral dupla, com um ponto no centro.

Idêa chorou. Ela sabia o que aquilo significava.

— Então o ciclo começou.

E, naquele exato momento, do lado de fora, uma criança da aldeia caiu em transe, vendo labaredas nos olhos de uma onça de barro.

A terra voltara a lembrar.

E quando a Serra lembra, o mundo inteiro escuta.



Capítulo 3

O coração das cinzas



izem que quando um fogo apaga, uma lembrança morre com ele. Mas, naquela serra, não era o fogo que temia a morte — era a memória.

Os dias começaram a mudar.

Pássaros migraram antes do tempo. As cavernas emudeceram. E Idêa, a mulher que escutava fósseis, parou de sonhar. O fogo da Última Fogueira, embora ainda aceso, havia se tornado inquieto. Chamas dançavam erradas. Mais azuis do que vermelhas. Mais silêncio do que calor.

— Alguém está esquecendo — disse Rahu, olhando a caverna com os olhos enevoados.

— Esquecendo o quê?

— Tudo.

As crianças já não queriam mais ouvir as histórias da anciã. Achavam que pedra era só pedra. Que pintura era só pintura. Que fogo era só calor. Na vila ao redor da Serra,

as pessoas passaram a rir das lendas. Diziam que Idêa era só uma louca de olhos fundos e que Rahu não passava de um garoto com sede de atenção.

A fogueira não gostou disso.

Na madrugada do quarto dia sem memória, um estrondo rasgou a montanha. A caverna tremeu. Fendas abriram-se no chão da toca. E, da pedra rachada, algo antigo começou a emergir.

Não era bicho. Não era homem.

Era o próprio Esquecimento.

Tinha a forma de um vulto escuro, feito de poeira e vazio. Onde tocava, apagava. Apagava desenhos, vozes, traços, pegadas. Apagava até o som da língua que o nomeava.

— Ele acordou — disse Idêa, com os olhos úmidos. — O devorador do que foi.

Rahu tentou deter a criatura. Cantou a canção das pedras. Acendeu uma chama com as próprias mãos. Desenhou sobre a parede, com o sangue da palma, o símbolo da espiral dupla.

Mas não adiantou.

O Esquecimento avançava. E, atrás dele, a Serra se tornava apenas rocha. Foi então que Idêa fez o impensável. Ela pegou um fragmento da Última Fogueira e engoliu. Seu corpo incendiou por dentro. Seus olhos se tornaram luz. Antes de desaparecer, ela tocou o coração de Rahu e sussurrou:

— Se um dia não houver ninguém para lembrar, então que você seja lembrança.

Na manhã seguinte, Rahu já não estava. Mas nas paredes da Toca do Boqueirão, um novo desenho havia surgido.

Era uma mulher feita de fogo.

E um menino, com uma espiral no peito, olhando o céu. Desde então, dizem que, nas noites sem lua, o fogo da caverna reacende sozinho. E quem escuta com o coração ouve os sussurros da mulher que virou chama.

Ela ainda queima. Pelo direito de ser lembrada.



Epílogo



izem que o tempo esquece. Mas a pedra não. Ela grava o que o mundo tenta apagar. Grava nos traços ocre, nos cortes da rocha, nos símbolos que sobrevivem mesmo quando ninguém mais os entende. A fogueira da Serra da Capivara não foi a última por existir. Foi a última por lembrar. Enquanto houver um traço, uma espiral vermelha, uma mão pintada sob o céu do sertão, o fogo não se apaga.

Durante anos, quando quase ninguém mais olhava para o chão que contava histórias, uma mulher veio. Ela não era filha dali — mas pertencia. Caminhou entre os abismos, escutou o que as pedras sussurravam e soube reconhecer memórias nas cores mais antigas da Terra. Chamavam-na Niède. Mas a Serra, em seu silêncio antigo, chamava de outro nome: A que escuta.

Foi ela quem ousou afirmar ao mundo o que muitos negaram: que o Brasil nasceu ali bem antes de ter nome. Que a Serra foi o berço do homem americano, que o fogo

de Rahu ainda ardia — em cada pintura rupestre, em cada fóssil, em cada sombra que insiste em contar.

Ela cavou, não com pressa, mas com respeito. E onde outros viam pedra, ela viu poesia. Onde outros viam silêncio, ela escutou os ecos do primeiro canto humano.

Hoje, na Serra da Capivara, cada passo é arqueologia. Cada pigmento é testemunho. Cada sítio escavado é uma fogueira acesa contra o esquecimento. Porque preservar a arqueologia não é sobre o passado. É sobre o que escolhemos lembrar — e o que estamos dispostos a proteger. É sobre contar às crianças que a história delas não começou em um livro didático, mas nas mãos que desenharam o mundo com fogo.

E enquanto houver quem escute, quem olhe para o chão com reverência, a Última Fogueira da Terra seguirá acesa.

Não em brasa. Mas em memória viva.



CONT0 5

Encantados dos Lençóis

*Releitura poética da Lenda dos
Lençóis Maranhenses*





Epígrafe

Alguns seres não precisam de nome,
porque foram feitos de silêncio,
de vento e de espera.

— *Registro Perdido das Tribos da Areia*



Prólogo



izem que os Lençóis Maranhenses são feitos de areia e água. Mas os antigos sabem a verdade: são feitos de esquecimento. Cada lagoa que aparece guarda o nome de alguém que foi apagado. Cada duna que se move cobre um segredo que não pôde ser dito.

E os ventos? Os ventos sussurram promessas que ainda estão esperando ser cumpridas. Não há cidade nos Lençóis. Mas há um povo. Um povo sem forma. Sem rosto. Sem tempo. Chamam-nos de Encantados. Filhos do que foi deixado.

Guardadores do que ainda pulsa. Alguns os temem. Outros fingem que eles não existem. Mas todo viajante que chega até o centro da areia sabe que não está sozinho. E há aqueles que desaparecem. Sem pegadas. Sem aviso. Sem volta. Acredita-se que os Encantados não levam por maldade. Eles levam por saudade. Porque os humanos esquecem depressa. E esquecer demais pode fazer a areia engolir tudo.



Capítulo 1

Onde a areia escuta



la não falou com ninguém durante o caminho. A pousada ficava em Barreirinhas, simples, com paredes descascadas e janelas voltadas para o rio. Mas ela não veio pelo conforto. Veio porque precisava sumir. Seu nome era Aurora. E, ironicamente, sentia-se feita de noite. Não uma noite estrelada — daquelas que acalmam. Mas uma noite pesada, úmida, como se carregasse a ausência de alguém o tempo todo nas costelas. Ninguém sabia por que ela foi embora. Mas ela sabia. Sabia que precisava de silêncio. E os Lençóis ofereciam exatamente isso: um silêncio antigo, intacto, um silêncio que, segundo os pescadores, “fala quando o mundo se cala”.



Na primeira noite, Aurora caminhou sozinha até a beira de uma duna. Deixou os chinelos no chão e sentiu a areia

fria entre os dedos. O vento vinha forte. O céu, limpo. Ela não sabia o que buscava ali. Mas havia algo em seu peito que parecia arder. Sentou-se e respirou. Respirou como quem tenta apagar uma dor com o ar da terra. E então ouviu. Uma voz. Baixa. Longa. Líquida.

Como se a própria lagoa tivesse falado dentro do peito dela.

— *Você lembra?* — sussurrou o vento.

Ela se virou, mas não havia ninguém.

— *Você lembra de quem era antes da dor?*

Aurora engoliu em seco. Seu corpo gelou. Mas não correu. Não chorou.

Ela respondeu:

— Ainda não. Mas quero lembrar.



Na manhã seguinte, tentou contar ao guia o que ouvira. Ele riu.

— Isso é o vento das dunas. A gente acostuma.

— Mas eu ouvi palavras.

— Aí é pior.

— Por quê?

— Porque tem gente que escuta demais. E quando escuta demais, os Encantados não deixam voltar.



Ela ficou em silêncio o resto do dia.

Mas à noite, voltou à duna. Sozinha. Descalça. E, dessa vez, a areia a recebeu como se já a conhecesse. Seus pés afundavam devagar, como se fossem guiados. A lua iluminava o caminho. E, no centro da maior lagoa, ela viu: uma mulher. Deitada sobre a água. Vestida de branco. Os cabelos flutuando como algas. Aurora piscou. A imagem sumiu. Mas o som ficou.

— *Você esqueceu alguém, Aurora?*

— Sim — sussurrou ela.

— *Então, venha lembrar conosco.*



No dia seguinte, ninguém a encontrou.

Aurora desapareceu sem deixar marcas. Nem no quarto. Nem na areia. Nem no tempo.

Só restou uma frase escrita com conchinhas na beira da lagoa:

“A memória é água. E eu decidi afundar para poder flutuar.”



Capítulo 2

Os que andam entre os ventos



urora não sonhava mais. Desde o segundo dia nos Lençóis, os sonhos haviam sido substituídos por visões acordadas. Ela via pessoas de branco caminhando entre as dunas. Sem deixar pegadas. Sem carregar nada. Sem dizer palavra alguma. Acordada ou dormindo, eles estavam lá. Olhos de vidro. Voz de água. Silêncio de milênios.

E sempre a mesma pergunta no ar:

— *Você quer lembrar ou esquecer?*

Ela passou a evitar a pousada. Saía cedo e caminhava até as dunas sem direção exata. As pessoas pareciam não notá-la mais. Como se estivesse ficando transparente.

Mas os Encantados notavam. E quanto mais ela andava, mais eles se aproximavam.

No fim da tarde, ao sentar à beira de uma lagoa escondida, Aurora viu uma mulher surgir da água. Não havia som.

A mulher era bela, mas não com beleza humana. Os olhos eram brancos. O vestido, costurado com espuma.

Ela não andava. Deslizava.

— Você é uma de nós? — perguntou a figura.

Aurora hesitou.

— Ainda não.

— Mas quer ser?

A pergunta a fez estremecer.

— Eu só queria que parasse de doer.

— Todos os que chegam aqui, vêm por isso.

— Vocês são fantasmas?

A mulher inclinou a cabeça.

— Somos o que sobra do que foi esquecido.

Aurora fechou os olhos. Sentia a presença daquela mulher dentro do peito. Como se fosse um eco antigo. Como se fosse uma lembrança dela mesma.

— Eu perdi alguém — murmurou.

— Todos perdemos.

— Eu me perdi.

— Por isso está aqui.

A Encantada estendeu a mão.

— A maioria vem aos Lençóis para esquecer. Mas você veio para lembrar.

Aurora engoliu em seco. Tocou a mão da mulher. E, no mesmo instante, o mundo virou areia e luz.

Ela viu imagens — memórias que não sabia que tinha. Viu sua infância. Viu a dor do luto. Viu as palavras que não disse ao pai antes de ele partir. E viu a si mesma se apagando aos poucos.

Quando voltou a si, a mulher sumira.

Mas a lagoa estava mais cheia. Mais funda. Mais viva.

Aurora sorriu pela primeira vez em semanas. Não porque tinha deixado de doer. Mas porque, pela primeira vez, a dor fazia sentido.

Quando ela olhou para trás, viu pegadas na areia. Não as dela. Mas de quem anda entre os ventos.

Os Encantados não são espíritos. São lembranças que não aceitaram morrer.



Capítulo 3

A última lembrança



urora caminhava sem medo agora. Não porque o medo havia desaparecido, mas porque passara a caminhar ao lado dele. Os Encantados a observavam. Não exigiam pressa. Não prometiam nada. Apenas seguiam com ela, como se a dor que ela carregava fosse um idioma que eles também falavam.



No oitavo dia, Aurora chegou a uma lagoa que não constava em nenhum mapa. Água cristalina. Silêncio absoluto. E, no meio, uma pedra negra — como um altar ou um túmulo. Sobre a pedra, havia um espelho. Simples. Antigo. Ela se aproximou. E viu. Ela mesma. Mas não como estava. Como fora. Antes do luto. Antes da fuga. Antes de esquecer de quem era. Seu rosto era o mesmo — mas os olhos tinham luz.

Uma voz sussurrou, vinda do vento:

— *A última lembrança é sempre a mais difícil.*

Aurora caiu de joelhos.

A água da lagoa molhou seu vestido. A areia se prendeu aos seus dedos. Ela lembrou. Do dia do enterro. Do vazio. Do mundo que seguiu como se não tivesse parado. E, pela primeira vez, chorou como quem se lava.

A Encantada da espuma surgiu ao lado dela.

— Agora você sabe.

— O quê? — perguntou Aurora, com a voz embargada.

— Que há dores que só querem ser vistas.

— Isso é o fim?

— Não. É a escolha.

A mulher estendeu a mão.

— Se tocar minha pele, você fica. Se virar as costas, você volta.

— E o que acontece se eu ficar?

A mulher sorriu.

— Você se torna guardiã da última lembrança. Ajuda os que chegam sem saber o que perderam. Anda entre os ventos. Escuta o que foi esquecido.

Aurora ficou em silêncio.

Olhou a água. Olhou o espelho. Olhou a si mesma.

Então, ela sorriu.

Levantou-se. Não disse palavra alguma.

Virou as costas. Caminhou de volta. Aos poucos, a lagoa sumiu. Os Encantados se dissolveram no ar. A areia se fechou como se nunca tivesse sido pisada. Aurora sabia o caminho de volta. Sabia que ainda doía. Mas, agora, sabia por quê. E como toda dor bem lembrada, viraria algo bonito um dia.



Epílogo



a beira de uma das lagoas, uma turista nova encontrou uma concha. Dentro, um papel pequeno, enrolado, escrito com letras finas:

Se um dia você esquecer quem é, venha às dunas. Os Encantados ainda escutam. E a água ainda devolve o que o mundo tenta apagar.

Com carinho, Aurora.



CONTO 6

Os Irmãos Dantas

*Releitura da Lenda dos Irmãos
Dantas, Piracuruca – Piauí*





Epígrafe

Há cidades que nascem do barro. Outras do ferro. Mas
há aquelas que nascem do que jamais deveria ter sido
esquecido: de sangue.

— *Fragmento queimado, encontrado atrás da
Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Piracuruca*



Prólogo



ntes que o mapa dissesse o nome da cidade, ela já existia. Era mata espessa e inviolada. Rio largo, escuro e cheio de dentes. Sol impiedoso sobre uma terra que respirava sob as folhas. Ali viviam os Tocarijus. Filhos do barro e do trovão. Guardavam segredos do tempo em cânticos. Pintavam as pedras com histórias que nem os séculos ousariam apagar. E, entre eles, corria a lenda de que um dia viriam os homens sem raiz — que fincariam estacas onde antes havia espírito.

Esse dia chegou.

Não veio com guerra declarada. Veio com promessas e mapas, com botas que não sabiam pedir licença. Vieram do sul. Seguiam o curso do rio como se o rio lhes devesse algo.

Tinham nomes. José e Manoel Dantas.



Capítulo 1

O morro onde os homens foram crucificados



Disse-se que foi no alto do morro, onde hoje se ergue o Patronato dos Irmãos Dantas, que o primeiro sinal do futuro se fez presente. A expedição dos irmãos atravessou dias de sol mordaz e noites povoadas por sussurros. Vieram com armas, homens e fé — mas sem tradução para os silêncios da floresta. No terceiro dia de acampamento, após terem abatido uma anta considerada sagrada pelos Tocarijus, a mata respondeu. E respondeu com fúria.

A emboscada foi silenciosa. Cipós transformaram-se em cordas. Lanças surgiram do chão como dentes da própria terra. E os primeiros homens da comitiva foram levados para o alto. No topo do morro, foram crucificados. Não com pregos — mas com madeira viva. Amarrados em posição de oferenda. Para que os espíritos da terra e do rio soubessem: ainda havia quem os defendesse.

José e Manoel assistiram, escondidos. Não choraram. Não gritaram. Não rezaram. Apenas prometeram. Ali mesmo. Prometeram que, se escapassem daquilo, construiriam uma igreja. Uma casa para a fé. Mesmo que a fé tivesse se calado.



Capítulo 2

A travessia das piranhas



rio parecia calmo naquele dia. Mas só parecia. Debaixo das águas escuras do Piracuruca, dentes se alinhavam como sentinelas. As piranhas, silenciosas, giravam em espiral, farejando o medo. E havia muito medo. José e Manoel Dantas não tinham mais homens. Tinham promessas. Tinham a própria sorte. E tinham o peso das cruzes que haviam presenciado no morro. Do outro lado da margem, a mata parecia menos cruel. Como se oferecesse refúgio. Mas entre eles e a salvação — o rio.

Então Manoel disse:

— Se o rio nos poupar, que Nossa Senhora nos receba. E, sobre essa terra, ergueremos uma igreja.

José, sempre mais cético, apenas assentiu. E, juntos, eles entraram na água.

O primeiro homem da comitiva foi puxado sem um grito. O segundo teve a perna arrancada antes de tocar o fundo. O terceiro desapareceu sem deixar nenhuma bolha.

Mas os dois irmãos cruzaram.

José sangrava de um corte profundo. Manoel trazia o olhar perdido, como se algo tivesse ficado nas águas — talvez a fé.

Na margem, um silêncio estranho. A mata os observava. E ali, entre galhos secos de uma carnaubeira, uma imagem os esperava.

Era uma santa.

Pequena, rude, de madeira envelhecida. Mas os olhos — os olhos eram esculpidos com uma precisão que feria. Quando tentaram levá-la, a imagem desapareceu. Na manhã seguinte, lá estava ela, de novo, na carnaubeira. E no outro dia também.

Era um aviso. Ou talvez uma exigência.

Foi ali, sob aquela árvore, que fincaram o primeiro altar. E foi ali que começou a nascer Piracuruca. Mas a santa sumiria muitas vezes ainda. Toda vez que tentassem fincar pedra onde deveria haver arrependimento.



Capítulo 3

A pedra que gritava



construção da igreja não começou com orações. Começou com ordens. Começou com sangue. José e Manoel Dantas voltaram um ano depois — e não vieram sozinhos. Vieram com armas mais afiadas, homens mais duros e o coração mais espesso. Trouxeram também outra coisa: perdão sem confissão.

Não se falava mais nos corpos pendurados no morro. Nem nas piranhas. Nem nos companheiros afogados. Agora só se falava em pedra. Em cal. Em estrutura. E em servos.

Os Tocarijus lutaram bravamente, lutaram pela terra, lutaram pelo que conheciam, os que restaram foram capturados. Forçados a talhar, a carregar, a sangrar. Tinham as mãos habituadas a esculpir flechas — agora esculpiam os altares. Mesmo assim, a imagem da santa continuava desaparecendo.

A cada parede erguida, um canto indígena se calava. A cada pedra encaixada, um nome ancestral era esquecido.



Capítulo 4

A última arapuca



igreja estava quase pronta. Faltava apenas o altar maior.

Os Tocarijus sobreviventes já não tinham nomes. Chamavam-se “mãos”, “ombros”, “força”. Eram tratados como barro — mas não esqueciam que eram raiz.

Foi numa madrugada em que o céu ficou amarelo que ela foi armada. A última arapuca.

Cinco estacas de madeira, presas entre sombras. Cordas feitas de cipó, tensionadas como dentes contidos. E, no centro, uma oferenda: o próprio silêncio. Era um ritual antigo. Invocava o espírito da mata ferida, do rio violado, do sangue sem reza. José não viu. Mas Manoel viu e pisou. O chão cedeu. O corpo caiu. E o grito que saiu dele não foi de dor — foi de surpresa.

A armadilha partiu sua coluna. Mas ele ainda respirava quando José o encontrou. Ainda via. Ainda chorava.

Naquela noite, a cidade que não tinha nome quase teve fim.

José, tomado por algo que nunca havia nomeado, pegou fogo. Mas não no corpo. No coração.

Ordenou que todos os índios que restaram fossem reunidos. E um a um, jogados na fogueira. A chama subiu como reza ao contrário. Dizem que a brasa chegou até atrás da igreja. E que, entre as pedras, formou um desenho que só pode ser visto ao entardecer: duas mãos entrelaçadas. Uma indígena. Outra portuguesa. Ambas queimadas.

José partiu ao amanhecer. Deixou a cidade como quem deixa um túmulo aberto. A vila, porém, ficou. E cresceu.

Hoje se chama Piracuruca.

Mas os antigos ainda sussurram que a terra nunca perdoou. E que a pedra à beira do rio ainda pulsa. Como um coração que lembra.



Epílogo



cidade cresceu. Suas ruas ganharam nomes. Suas casas, cores. E a igreja, finalmente, teve missa. Mas quando o Sol se inclina sobre o Morro do Patronato, a sombra ainda parece carregar cruzes invisíveis.

Alguns dizem que é lenda. Outros, que é herança. Mas há quem ouça os ventos do fim de tarde assobiarem uma língua que não se fala mais — e que escute entre as folhas palavras de uma terra que ainda lembra.

Porque a memória da terra não está apenas nos livros. Está nos rios. Está nas pedras. Está nas mãos que já não estão. Piracuruca é feita de fogo, fé e ferida. E, como toda cidade viva, guarda em si um pacto. Um dia, talvez, alguém desenterre as últimas palavras dos que não puderam contá-las. E devolva seus nomes ao vento.

Até lá, a lenda dorme nas margens do rio. E desperta, às vezes, só para lembrar de onde veio.





Epílogo – Manifesto:

Onde as lendas ainda vivem



á histórias que, mesmo soterradas por séculos de esquecimento, continuam respirando sob a pele da terra — esperando que alguém, em algum tempo, ouse lembrar. As lendas contidas nestas páginas não são apenas contos. São vestígios. São cicatrizes vivas de uma terra que sonha, resiste e canta. São vozes antigas do Maranhão e do Piauí, guardadas nos ventos, nas dunas, nas pedras, nos rios e nos nomes que quase não se dizem mais. Em cada serpente que vigia sob o chão de São Luís, em cada carruagem que atravessa a meia-noite, em cada Encantado que sussurra entre as dunas, nos morros onde os irmãos fincaram promessas, nas fogueiras que ainda acendem por dentro da pedra e nos lagartos que se encaram há séculos com olhos de saudade — há uma história que pulsa.

E, agora, ela está em você.

Porque toda vez que uma lenda é lida com o coração desperto, ela se levanta. Ela respira. Ela volta a viver.

Não é preciso acreditar, não se trata de magia — trata-se de memória. Elas não são fábulas para crianças dormirem. São raízes. São mapas afetivos. São vozes que formaram nosso jeito de ver o mundo. Conhecê-las é reconhecer de onde viemos. Contá-las adiante é nos recusar a desaparecer.

Essa coletânea nasceu da memória. Mas também do medo: o medo de que nossa cultura desapareça no ruído do tempo, substituída por histórias que não nos pertencem, por símbolos importados que apagam as raízes de onde viemos. Porque quando deixamos de contar nossas próprias lendas, começamos a viver sob as de outros.

E é por isso que cada história aqui recontada não é apenas uma homenagem. É um convite: que o leitor se torne guardião. Guardião da oralidade dos avós. Guardião das figuras que ainda dançam nos azulejos, nas palmeiras, nas histórias que os mais velhos ainda sussurram ao entardecer. Que essa obra chegue às mãos das crianças, dos professores, dos artistas, dos sonhadores. Que cruze escolas, feiras, bibliotecas, lares. Que seja lida em voz alta, como eram contadas as lendas de antigamente. E que, um dia, quando esta geração for memória, haja alguém que abra este livro e diga:

“Eles lembraram. E, por isso, nós também lembramos.”

Preservar uma lenda é mais do que recontar um mito. É proteger o próprio chão. É afirmar que nossa terra tem voz, e que ela ainda canta — na língua da saudade, no idioma da imaginação, no silêncio cheio de história que habita cada pedra. E enquanto houver um leitor que sinta, uma criança que escute e um coração que reconheça o que pulsa por trás da fantasia, as lendas continuarão vivas.



Agradecimentos finais

Esse livro não nasceu sozinho. E nem poderia. Ele é filho de muitas vozes, de muitas mãos, de muitos olhos atentos e ouvidos que, geração após geração, souberam entender que contar história é muito mais do que entreter, é cuidar. É manter aceso o que não pode ser esquecido. Cada conto que você leu aqui é uma releitura, uma reescrita, uma homenagem cheia de carinho e respeito às lendas que chegaram até nós pela boca dos antigos, pelo cheiro de café passado, pelo som das conversas nas calçadas, nas feiras, nas redes, nas noites sem internet, onde quem reinava era a palavra.

Meu muito obrigada a todos que, de alguma forma, são guardiões dessas memórias: os contadores, os mestres, os professores, os avós, as comadres, os compadres, os pescadores, os moradores antigos, os curiosos, os que gostam de escutar e os que nunca deixam uma boa história passar batida. Vocês são bibliotecas vivas. Esse livro é para vocês. E também é para quem *tá* chegando. Porque recontar lenda

é isso: segurar na mão do passado e puxar para o presente — para garantir que essas histórias sigam vivas no futuro.

Agradeço também, de coração, aos que estiveram comigo nessa caminhada: aos meus amigos Aluísio e Gabi, que, com olhar atento, foram meus leitores beta e me ajudaram a lapidar cada detalhe, com críticas construtivas e tanto carinho. À Dw, à Madu e a cada amigo e amiga que sempre está por perto, escutando, opinando, vibrando e me ajudando a colocar esses sonhos no mundo. Aos colaboradores que apostaram nesse projeto e acreditaram nele com generosidade e confiança. À Prefeitura de Piracurica, na pessoa do prefeito Marcelo Jatobá e do vice-prefeito Eduardo Lima, que acolheram essa ideia com sensibilidade e compromisso, e à Secretaria de Cultura do Estado do Piauí, pelo apoio que fez toda diferença. E, principalmente, a todas as pessoas que, de alguma forma, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho ganhasse vida. Eu sei que não consigo nomear cada um aqui, mas cada gesto de incentivo, cada palavra de apoio e cada mão estendida ficaram guardados no meu coração. Esse projeto não nasceria sozinho, ele nasceu porque vocês estiveram junto comigo. E, claro, aos meus pais e à minha irmã, que me escutam desde quando eu inventava histórias sem nem saber que já era escritora. Gratidão infinita.

E, se você leu até aqui, agora também faz parte desse desejo: o de lembrar. O de não deixar que nenhuma dessas lendas se perca pelo tempo.

Obrigada por ajudar a manter esse fio aceso. Aqui termina o livro. Mas não as histórias. Porque, agora, quem leu também carrega a responsabilidade de não deixar que nenhuma delas seja esquecida.

Sobre a autora



 @ystefanilima_

Ystefani Lima é natural de Piracuruca, no Piauí, mas atualmente mora em São Luís do Maranhão, onde cursa Medicina. Também é cirurgiã-dentista, pesquisadora e escritora, apaixonada por histórias desde menina.

Autora das distopias *Fundação* e *Metálica* (parte de uma trilogia ainda em andamento), ela estreia agora na literatura fantástica com sua primeira antologia: *Onde as Lendas Ainda Vivem*.

O livro reúne recontos de lendas do Piauí e do Maranhão, dois estados que fazem parte de quem ela é: um, onde nasceu; o outro, onde constrói sua vida hoje.

Mais do que um ponto de chegada, essa obra marca um começo: o início de um projeto maior, que pretende dar voz a lendas de todo o Brasil, celebrando a força da nossa imaginação popular.



